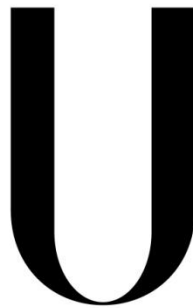


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**“Vozes” e “Ruídos” na Identidade Conjugal:  
Explorando Funções, Processos e Factores de Influência**

**Susana Helena Gomes Marques da Silva Gomes**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

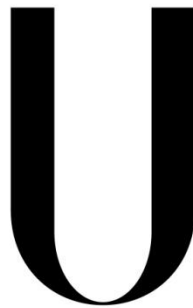
**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**

**Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2014**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**“Vozes” e “Ruídos” na Identidade Conjugal:  
Explorando Funções, Processos e Factores de Influência**

**Susana Helena Gomes Marques da Silva Gomes**

**Dissertação Orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**

**Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica**

**2014**

## **Agradecimentos**

*Às pessoas generosas que partilharam comigo e com a equipa de investigação um pouco da sua vivência conjugal, deixando-nos abrir uma janela para o seu universo exclusivo e para as suas experiências pessoais tão ricas, fontes de aprendizagem e reflexão.*

*À Professora Doutora Isabel Narciso, pelas palavras de estímulo, pelo rigor da sua orientação e por toda a ajuda nesta tese, por me aliciar para novos caminhos e estradas que espero poder vir a percorrer na área da investigação.*

*À Dr.<sup>a</sup> Ana Branquinho, por me permitir aprender com ela a prática da investigação e pela partilha preciosa de informação.*

*Às colegas do MDV, e em especial à Leonor, pela força, apoio e estímulo nesta recta final.*

*À Inês Reis, por tornar claro o que hoje é evidente para mim, que a Sistémica é a minha casa e a minha lente, e pela sua amizade e exemplo.*

*À turma de Sistémica, em especial à Catarina Pires, pela partilha deste caminho, pelo estímulo e por toda a ajuda, que foram tornando este objectivo progressivamente mais alcançável.*

*A todos os meus amigos e familiares, que compreendem a longa ausência e reconhecem e respeitam o esforço deste percurso singular.*

*Aos meus Pais, pelo exemplo de Identidade Conjugal e pelo seu inestimável suporte em todas as alturas, pelo amor que me/nos dedicam.*

*E, por último, porque este esforço é também deles e para eles, ao Rui e ao Miguel, pelo seu inigualável amor, generosidade e apoio, pela sua (grande) parte dos sacrifícios, pelo seu estímulo e orgulho e por estarem, sempre e para sempre, no meu coração.*

*Obrigada!*

## Resumo

A Identidade Conjugal, enquanto entidade emergente da relação conjugal, é um construto que carece de clarificação acerca das suas funções, propriedades, processos de construção, desenvolvimento e manutenção ao longo da relação do casal. A presente investigação pretende explorar estas dimensões numa perspectiva sistémica, evidenciando eventuais diferenças ligadas ao sexo, tipo de relação (casamento vs. coabitação conjugal) e duração da relação (curta vs. longa). Num estudo exploratório, realizado com uma amostra constituída por 21 indivíduos em situação relacional de conjugalidade, com base no paradigma construcionista e recorrendo a uma metodologia qualitativa, foi aplicada uma entrevista semi-estruturada. As narrativas recolhidas foram posteriormente analisadas com recurso ao *software NVivo*. Os resultados apontam para a identidade conjugal enquanto resultado de uma construção progressiva, baseada na existência de amor e compromisso entre os parceiros, que se desenvolve nas várias fases da relação. Impulsionada no namoro e consolidada na relação conjugal, é influenciada por vários factores individuais, como a personalidade dos parceiros; conjugais, como a auto-regulação relacional e a comunicação; familiares, como a existência de filhos; e extra-familiares, como a família de origem e a rede social. Estas variáveis ecossistémicas podem actuar como mecanismos de protecção ou de factores de vulnerabilidade para a manutenção da identidade conjugal e da própria relação. Estes resultados foram articulados com as características e propriedades sistémicas. Foram ainda colocadas hipóteses sistémicas relativas às funções da identidade conjugal – simultaneamente, as de “âncora”, “bússola” e “motor” da relação -, e ao seu processo de construção e manutenção.

**Palavras-chave:** Identidade Conjugal, processo, funções, construção, manutenção, níveis sistémicos de influência.

## **Abstract**

Couple Identity as a separate entity emerging from the marital relationship is a construct that lacks clarity about its roles, properties, construction processes, development and permanence throughout the couple's relationship. This research aims to explore these dimensions in a systemic perspective, highlighting any differences related to sex, relationship type (marriage vs. marital cohabitation) and duration of the relationship (<10 vs > 10 years). In an exploratory study, conducted with a sample of 21 individuals in a marital relationship, based on the constructionist paradigm and using a qualitative methodology, a semi-structured interview was applied. The collected narratives were then analyzed using *NVivo software*. The results point to couple identity as a result of a progressive construction, based upon the existence of love and commitment between partners, which develops in the various stages of the relationship. Driven during courtship and strengthened in the marital relationship, couple identity is influenced by several individual factors such as partners' personality, relationship factors, as the relational self-regulation and communication, family factors, as the existence of children, and extra-familial factors, such as the families of origin and social network. These variables of the ecosystem may act as protection mechanisms or vulnerability factors for the maintenance of couple identity and of the relationship itself. These results were linked to the systemic properties and characteristics. Systemic hypotheses were also raised concerning the roles of couple identity – simultaneously, those of “anchor”, “compass” and “motor” of the relationship -, and its process of construction and maintenance.

**Keywords:** Couple Identity, process, function, construction, maintenance, systemic influence levels.

## Índice

Índice de Figuras .....	8
Índice de Anexos .....	8
Enquadramento Teórico .....	1
Contributos teóricos para a compreensão de identidade conjugal.....	2
Identidade.....	2
Processo Metodológico .....	15
Enquadramento Metodológico .....	15
Desenho da investigação. ....	16
Estratégia Metodológica.....	18
Seleccção da amostra e caracterização. ....	18
Instrumentos Utilizados.....	19
Questionário sociodemográfico. ....	19
Entrevista semi-estruturada. ....	19
Procedimento de Recolha de Dados .....	20
Procedimento de Análise de Dados .....	20
Funções da Identidade Conjugal .....	21
A hipótese da tripla função da identidade conjugal .....	25
Pré-Requisitos da Identidade Conjugal .....	27
Factores nodais no processo de construção da identidade conjugal. ....	29
Do namoro à relação consolidada: uma construção progressiva. ....	31
Factores de protecção da Identidade Conjugal .....	33
Variáveis protectoras conjugais.....	33
Variáveis protectoras extra-conjugais.....	36
Factores de Vulnerabilidade para a Identidade Conjugal.....	39
Variáveis conjugais de vulnerabilidade. ....	39
Variáveis extra-conjugais de vulnerabilidade. ....	41

<i>Variáveis familiares de vulnerabilidade da Identidade Conjugal .....</i>	<i>41</i>
<i>Variáveis individuais de vulnerabilidade da Identidade Conjugal .....</i>	<i>41</i>
<i>Variáveis extra-familiares de vulnerabilidade da Identidade Conjugal .....</i>	<i>42</i>
Referências.....	49

---

<sup>1</sup> Por opção da autora, a presente dissertação foi redigida de acordo com as regras do antigo Acordo Ortográfico.

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – Mapa conceptual

Figura 2 – Categorização das funções da Identidade Conjugal

## **Índice de Anexos**

Anexo 1 – Esquema representativo de árvore de categorias

Anexo 2 – Lista das categorias e respectivas definições operacionais

Anexo 3 – Quadro de critérios de relevância para análise dos dados

Anexo 4 – Quadros de resultados gerais

Anexo 5 - Quadros de resultados por grupos



*“A identidade não se descobre, constrói-se. Essa é a parte difícil.”*

Alexandre Quintanilha

## Enquadramento Teórico

A identidade é um dos constructos mais investigados nas Ciências Sociais, dada a sua centralidade no funcionamento psicossocial e interpessoal individual, em todas as culturas e fases do ciclo vital (Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). O termo *identidade* inclui não só uma perspectiva individual em termos de auto-conceito (Marcia, 1966), como também o que é agido em função desse auto-conceito (Côté & Levine, 2002), nas interações interpessoais e inter-grupos (Chen, Boucher, & Tapias, 2006), e o reconhecimento que é dado pelos outros indivíduos ou grupos (Swann, 2005), que contribuem nesse espaço inter-relacional para a (re)construção da própria identidade.

A conceptualização de identidade tem sido apresentada tipicamente em diferentes níveis: identidade individual, identidade relacional e identidade colectiva (Vignoles et al. 2011; Brewer & Gardner, 1996), variando não só quanto ao nível de identificação do *Self* com os outros, mas também do nível de inter-relação e interdependência com outros significativos implicados nessa construção (Brewer & Gardner, 1996). Neste processo, a família e seus subsistemas constituem um contexto relacional único com influência no desenvolvimento da identidade nesses vários níveis. O subsistema conjugal, particularmente, tem sido apontado como um espaço relacional no qual emerge uma nova forma de identidade (Scabini & Manzi, 2011).

A noção de Identidade Conjugal – que surge, frequentemente, na literatura, como “*we-ness*” (Reid et al., 2006), absoluto do casal (Caillé, 1991), “*the couple*” (Bateson, 1979), - extravasa a existência da díade conjugal e diz respeito: ao processo através do qual as propriedades do vínculo conjugal se diferenciam da soma das identidades dos seus membros (Scabini & Manzi, 2011), permitindo que a própria relação de casal seja encarada como uma entidade distinta; e ao processo através do qual essa entidade é incorporada e mantida na identidade individual dos membros do casal (Badr, Acitelli, & Taylor, 2007), dando sentido à própria relação (Miller & Caughlin, 2013). Apesar de ser reconhecido que a identidade conjugal é um processo que se age reciprocamente entre os parceiros na própria relação do casal e de ser evidenciada, na literatura, a sua centralidade na conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998; Caillé, 1991), é parca a investigação empírica realizada (Branquinho, Narciso, & Crespo, 2013; Miller & Caughlin, 2013; Scabini & Manzi, 2011), e circunscrevendo-se, sobretudo, ao seu

impacto nalguns aspectos da conjugalidade, como a satisfação conjugal (Acitelli, Rogers & Knee, 1999; Badr, et al., 2007; Acitelli, 2012), a resposta a desafios como o cancro ou a doença crónica (Miller & Caughlin, 2013; Badr, Acitelli & Carmack Taylor, 2007) e como expressão de compromisso e singularidade dos casais. Num certo vazio empírico, ficam temáticas que seriam pertinentes para a conceptualização e clarificação do próprio construto, tais como a sua natureza substancial (ou seja, a “matéria” de que é composto), as suas propriedades, funções, condições causais, processo e trajectórias de construção e desenvolvimento e factores de influência.

Neste sentido, com a finalidade de contribuir para uma conceptualização sistémica de identidade conjugal, este estudo, enquadrado numa investigação mais vasta<sup>2</sup>, pretende explorar empiricamente, através de uma abordagem qualitativa, quais as funções da identidade conjugal, compreender os processos que conduzem à sua formação, desenvolvimento e manutenção, os factores que a protegem e colocam em risco e as propriedades que a caracterizam enquanto identidade intersubjectiva.

## **Contributos teóricos para a compreensão de identidade conjugal**

### **Identidade.**

A Identidade, independentemente da forma como é teoricamente conceptualizada, refere-se a um somatório de características biológicas, psicológicas, disposicionais e/ou sócio-demográficas pessoais, que poderá ajudar a definir não só o que o indivíduo pensa acerca de si próprio, como se percebe na sua relação com os outros, mas também a forma como interage, actuando de acordo com essa percepção (Vignoles et al., 2011). Constitui um dos constructos mais investigados em Ciências Sociais (Côté & Levine, 2002) e um dos de maior complexidade (Vignoles, et al., 2011).

Sedikides e Brewer (2001) distinguem três níveis de análise através dos quais se pode definir a Identidade: a “Identidade Individual ou Pessoal”, que corresponde aos aspectos constituintes do auto-conceito do indivíduo; a “Identidade Relacional”, que

---

<sup>2</sup> Projecto de investigação de Ana Catarina Duarte Branquinho, no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia Clínica e área temática de Psicologia da Família e Intervenção Familiar, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e co-orientação da Professora Doutora Carla Crespo. Constitui um dos objectivos deste projecto propor uma conceptualização sistémica de Identidade Conjugal.

corresponde aos papéis que o indivíduo desempenha no espaço relacional com outros significativos, evolvente da interacção com esses outros (Chen et al., 2006; Brewer & Gardner, 1996), bem como as qualidades e atributos que definem essa relação (Epp & Price, 2008) e a “Identidade Colectiva”, que deriva da pertença do indivíduo a um dado grupo ou categoria social, mais alargado ou mais restrito (Vignoles et al., 2011). Cada um destes níveis tem os seus processos específicos, seja na formação e desenvolvimento da Identidade Pessoal, seja na activação dos aspectos da Identidade Relacional que são mais salientes perante um outro com quem se tem uma relação específica, seja, ainda, nos que ocorrem quando, por alterações contextuais, ganham maior saliência as características que justificam a pertença do indivíduo a um grupo, em detrimento das que o tornam único. Cada uma destas análises tem o seu foco ao nível do indivíduo. Qualquer aspecto da identidade é, no entanto, susceptível de ser olhado com lente subjectivas, interpessoais e socioculturais (Vignoles et al., 2011). Em todas elas, a dimensão da temporalidade é intrínseca à própria noção de identidade, uma vez que, como afirma Erikson, “... *identity is never ‘established’ as an ‘achievement’ in the form of a personality armor, or of anything static and unchangeable*” (p.24), o que implica a sua definição enquanto processo num espaço-tempo, donde se extrai a inextrincável relação entre identidade e contexto: “*former environments are forever in us*” (1968, citado por Lichtwarck-Aschoff, van Geert, Bosma, & Kunnen, 2008).

### ***Identidade individual.***

As questões identitárias são centrais na transição da infância para a idade adulta, bem como ao longo da adultez (Schwartz, 2001). Erikson, antevendo a natureza multidimensional da Identidade, a interligação entre o que é intrapsíquico e o que é função do contexto social e cultural, apresentou uma definição inclusiva e alargada do constructo: “*is the awareness of... self-sameness and continuity... [and] the style of one’s individuality [which] coincides with the sameness and continuity of one’s meaning for others in the immediate community*” (1968, p. 50, citado por Schwartz, 2001). Erikson salientou, ainda, a multidimensionalidade do conceito de identidade, ao expor a sua concepção estrutural/processual: “*At times, identity refers to a structure or a configuration, at other points it refers to a process. Still on other occasions identity is viewed as both a conscious subjective experience as well as an unconscious entity*” (1968, citado por Lichtwarck-Aschoff et al., 2008).

Erikson apresenta a formação da Identidade do Ego como a tarefa de desenvolvimento mais relevante da adolescência e, segundo Marcia (1993), a sua consolidação marca o fim da infância e o início da idade adulta, considerando que a tarefa está concluída quando o indivíduo é capaz de construir e funcionar com o mundo à sua volta com uma imagem coerente de si, na qual integrou, consciente e inconscientemente, as identificações e ideais que foi construindo ao longo da infância, num mosaico complexo que o representa e que lhe dá um sentido de continuidade e permanência (Schwartz, 2001) ao longo do tempo. No entanto, segundo Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers e Missoten (2011)<sup>3</sup> e Litchwarck-Aschoff et al. (2008), Erikson terá enfatizado o carácter contínuo do desenvolvimento da identidade ao longo do ciclo vital, devido às alterações individuais que estão associadas à própria passagem do tempo e também às que emergem do ambiente, contexto e relações. Os momentos normativos do ciclo vital que implicam alterações, mais ou menos parciais, constituem-se, então, como desafios à identidade, cujos resultados terão de ser integrados no novo mosaico singular, num ciclo dialéctico de continuidade e mudança.

### ***Identidade social.***

A identidade, numa abordagem da Psicologia Social, foca-se, segundo Brewer e Gardner (1996), nos aspectos sociais do *Self*, isto é, na forma como o indivíduo se vê em relação com outros e com grupos sociais, e não tanto no que o diferencia dos outros. Há teorias que apontam a ligação ao outro, “*the need to belong*” (Baumeister & Leary, 1995) como uma das motivações humanas mais básicas. A identidade, enquanto extensão social do *Self*, deriva tanto das relações interpessoais, de diferentes graus de proximidade e interdependência, com outros significativos, como da pertença a grupos e identidades colectivas mais alargadas, que contribuem decisivamente para a categorização do indivíduo enquanto membro de um grupo maior e para a percepção de identidade individual enquanto membro desse grupo (Teoria de Auto-Characterização de Turner, Hogg, Oakes, Reicher, e Wetherel, 1987; Teoria da Identidade Social de Tajfel e Turner, 1979). Ambas contribuem para o bem-estar individual, na medida em que tanto a pertença ao grupo (Branscombe, Schmitt, & Harvey, 1999) como a identificação com ele constituem lentes através das quais se derivam significados comuns (Haslam, Turner, Oakes, Reynolds, & Doosje, 2002) e se compreendem as experiências,

estabelecendo uma rede de segurança e estabilidade (Iyer, Jetten, & Tsivrikos, 2008, citado por Iyer, Jetten, Tsivrikos, Postmes, & Haslam, 2009), particularmente importante em fases de transição decorrentes das mudanças que advêm do próprio ciclo vital (Iyer et al., 2009).

O vínculo criado pelas ligações aos outros pode ser menos ou mais interiorizado, variando num crescendo consoante as relações que o originam sejam mais impessoais ou mais próximas e significativas. Brewer e Gardner (1996) distinguem as “*prototypic interpersonal identities*” estabelecidas em relações diádicas íntimas, como um casal, nas quais estão incluídas identidades derivadas da pertença à rede social dessa relação diádica, e as “*collective social identities*”, que não implicam uma relação de proximidade entre os membros do grupo, afirmando que a distinção maior se encontra, não no grau de vínculo que se estabelece, mas no grau de “*inclusiveness*”, isto é, o grau de integração deste vínculo e da centralidade da semelhança entre os membros da relação na identidade do indivíduo. Este processo cognitivo e motivacional foi designado por Inclusão do Outro no *Self* no Modelo de Expansão do *Self* (Aron, Aron, Tudor, & Nelson, 1991) e apoiado por estudos empíricos (Aron, Paris, & Aron, 1995; Aron, Steele, Kashdan, & Perez, 2006, Aron et al. 2005). Por outro lado, decorre do grau de proximidade e interdependência dos elementos da relação, a maior motivação e preocupação mútua com o benefício do outro, bem como a existência de mais comportamentos cooperativos e de uma orientação cooperativa para a resolução de problemas, estando esta mais associada a culturas que potenciam uma visão interdependente, ao invés da visão independente, do *Self* (Markus, H. R. & Kitayama, 1991).

### ***Identidade familiar.***

A família, o exemplo mais claro de um pequeno grupo natural (Levine & Moreland, 2006), é um sistema entre sistemas, no qual confluem e interagem, no funcionamento familiar, os sub-sistemas que a compõem e diferentes níveis de identidade (Andolfi, 1981). Segundo Epp e Price (2008), numa família, encontramos múltiplos níveis de identidades, que cada família gere na prática da sua coexistência e experiências diárias, seja a identidade colectiva da família, as identidades relacionais de sub-sistemas como o casal conjugal ou a fratria, e as identidades individuais dos sub-sistemas constituídos por cada um dos seus membros. Trata-se, pois, de um “todo dinâmico”, diferente da soma dos seus componentes, cada um dos quais com as suas

próprias características e propriedades, interdependentes e ligados entre si, que se distingue dos outros grupos pela sua função e dimensão temporal.

Para Bennett, Wolin e McAvity (1988, citado por Epp & Price, 2008), a Identidade Familiar “é o sentimento subjectivo da própria família da sua continuidade ao longo do tempo, a sua situação presente e o seu carácter. É a *gestalt* de qualidades e atributos que a tornam uma família específica e que a diferencia das outras famílias” (212).

Cigoli e Scabini (2006) apresentam uma conceptualização da Identidade Familiar em três eixos – organizacional, simbólico e dinâmico, aos quais correspondem três conceitos fundamentais. O eixo organizacional deriva da conceptualização da família como um sistema auto-organizado, no sentido autopoietico do termo, dadas as regras das interações que regulam o seu funcionamento e que o mantêm no tempo, em constante ajustamento face ao contexto; a família terá, enquanto sistema, a virtude de estabelecer a relação primária, o padrão que liga “*differences of gender, generation and lineage*” (Cigoli & Scabini, 2006, p.27), numa dimensão temporal que excede a experiência fenomenológica dos indivíduos que a constituem. Tal dimensão permite que se estabeleçam as regras de interação, as condutas e seus significados específicos, idiossincráticos, daquele sistema, os quais constituem, a cada momento, o seu eixo simbólico e que são regulados pela expectativa e confiança de reciprocidade da relação entre os seus membros; por seu turno, o eixo dinâmico ganha a sua expressão na experiência da reciprocidade ao longo da temporalidade da relação, que origina os laços profundos que mantêm o sistema e as suas interações.

Para Scabini e Manzi (2011), a Identidade Familiar inclui também as potencialidades deste sistema e a sua verdadeira natureza, manifestadas tanto a nível da sua organização hierárquica e relacional, como na dimensão simbólica do vínculo que liga os seus elementos. A função da família será o desenvolvimento dos seus membros e da própria família, enquanto entidade distinta, ao longo de uma temporalidade alargada, na qual se estabelece o relacionamento e se efectuam as interações (Baxter, 2004) que a vinculam e definem como tal. Da dimensão temporal desta identidade, emergem desafios específicos ligados às transições de fases do ciclo vital da família, por exemplo, na formação de um novo casal, dada a necessidade de diferenciação dos seus membros e exercício de autonomização face às respectivas famílias de origem (Georgas, Berry, van de Vijver, Kağıtçıbaşı, & Poortinga, 2006) implicada na formação da identidade do novo casal.

### ***Identidade conjugal.***

De acordo com Alarcão (2002), o surgimento de uma identidade própria é uma das tarefas básicas associadas à etapa da formação do sub-sistema conjugal, para que seja possível uma articulação entre o todo e as partes que o constituem e a evolução da relação diádica. O casal compõe-se de três elementos - o eu, o tu e, resultando de um processo de co-construção, o “nós” (Alarcão, 2002), o qual constitui uma nova e específica forma de identidade (Scabini & Manzi, 2011), visto que decorre da comunhão dos contributos, idiossincrasias, narrativas e afectos de cada um, e se refere, segundo Miller e Caughlin (2013), à percepção dos parceiros de quem o casal é, como unidade. Precisamente porque emerge dos parceiros em relação, cada casal será, então, a expressão e a corporização do seu modelo único de ser casal, o “absoluto do casal”, que o define enquanto tal e cujos limites determina (Féres-Carneiro, 1998; Caillé, 1991).

Esta noção da identidade conjugal evidencia um carácter de complexidade que outras não parecem comportar. Enquanto algumas propostas remetem para uma conceptualização da identidade conjugal numa lógica de somatividade, isto é, um “nós” enquanto um conjunto de dois elementos que, somados, constituem uma equipa (Stanley & Marckman, 1992), um “nós” formado por “Eu e ele” ou “Eu e ela” (Surra & Bardel, 2001), e ligado às histórias individuais de cada um (Scabini & Manzi, 2011), outras, como esta, abrem o caminho a uma perspectiva de complexidade sistémica, ao considerarem que do casal emerge uma terceira entidade (Badr, et al., 2007), a qual pode ser fenomenologicamente materializada na própria relação do casal (Acitelli et al., 1999), auto-gerada na extensão das suas interações, comportamentos e comunicação (Felmlee & Sprecher, 2000), em suma, por um “processo complexo e único que dá sentido a cada casal” (Miller & Caughlin, 2012). Estas conceptualizações salientam também a dimensão temporal da identidade conjugal, precisamente porque evidenciam a sua dimensão processual, ao invés do seu carácter estático.

Reid et al., (2006) fazem equivaler a identidade conjugal ao *we-ness*, constructo psicológico emergente em cada parceiro que se refere à identidade que é construída em relação com o outro. Este poderá ser experienciado em diferentes graus de um *continuum*, por cada um dos membros do casal no seu *Self*, e, ainda assim, persistir num ajustamento individual e comum, ao longo do desenvolvimento da relação (Acitelli et al., 1999) a que, segundo Tracy e Coupland, se chega pela interacção (1990, citado por Miller & Caughlin, 2013) e para o qual ambos concorrem, num envolvimento recíproco e intersubjectividade (Ickes, Tooke, Stinson, & Baker, 1988).



Num estudo actualmente em curso<sup>4</sup>, os resultados encontrados conduziram a uma conceptualização hipotética de identidade conjugal que se afasta de uma mera equivalência ao “nós-casal<sup>5</sup>”, percebendo-a como uma terceira entidade que implica a interacção da relação conjugal (com as suas características relacionais percebidas) com o sentido de nós que dela emerge. Assim, a identidade conjugal decorre da inter-relação dialéctica e da intersubjectividade do casal, numa “dança” relacional vivenciada no espaço intersubjectivo do casal, entretecida entre o que é a participação de cada um dos membros nessa realidade partilhada e o que é mais intrínseco à sua própria identidade pessoal, tornando-se, ela própria, de forma inconsciente, uma parte integrante e definidora de cada *Self* (Fergus & Reid, 2001), profundamente acomodada na identidade individual de cada membro (Badr et al, 2007) embora vá sofrendo alterações ao longo da vida e assuma características distintas em fases marcantes (Scabini & Manzi, 2011).

Na literatura, o processo através do qual a identidade conjugal se constrói, é apresentado numa perspectiva individual, nas dimensões cognitiva e motivacional, e também numa perspectiva de inter-relação. A existência de uma relação significativa com um outro parece implicar uma reestruturação cognitiva conducente a uma quase-apropriação dos atributos do outro, bem como da própria relação, na representação mental do *Self* (Agnew, Arriaga, & Wilson, 2008), num movimento a que o modelo de Aron e Aron (1997) e Aron et al., (1991) chamam de Inclusão do Outro no *Self* ou Expansão do *Self*. A Interdependência Cognitiva é a nova representação mental da identidade do *Self* relacional, alargada pelos recursos, identidades e perspectivas do outro (Scabini & Manzi, 2011). A dimensão motivacional existe na medida em que permite que esta percepção de si enquanto parte de um todo colectivo dê resposta à necessidade de segurança e pertença (Agnew, Van Lange, Rusbult, & Langston, 1998). A perspectiva inter-relacional, pragmática e agida, concretiza-se na partilha do espaço, tempo da relação e das múltiplas formas de comunicação e acção que, pela sua existência, alimentam continuamente essa identidade conjugal, na construção contínua

---

<sup>4</sup> Estudo de Catarina Pires no âmbito da dissertação de Mestrado (FPUL, 2014), igualmente enquadrada no Projecto de investigação de Ana Catarina Duarte Branquinho, no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia Clínica e área temática de Psicologia da Família e Intervenção Familiar, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e co-orientação da Professora Doutora Carla Crespo. Constitui um dos objectivos deste projecto propor uma conceptualização sistémica de Identidade Conjugal.

<sup>5</sup> Tradução do autor de “we-ness”.

de uma narrativa comum, apontando para a noção de auto-organização deste sistema particular, e indicadora da sua complexidade.

As acções e comportamentos do casal, intrinsecamente relacionados com a individualidade de cada um, as características específicas da relação e os desafios colocados pelo seu desenrolar no tempo contribuem para aquilo que pensamos constituir a identidade conjugal. Desde logo, a história da relação e as memórias que são indissociáveis da narrativa do casal. O estudo de Alea e Vick (2010) explorou a relação da qualidade das memórias iniciais da relação (a 1.<sup>a</sup> vez que viram o seu parceiro) e a satisfação conjugal ao longo da idade adulta, em 267 participantes. Os resultados evidenciaram uma relação preditiva entre a qualidade das memórias e a satisfação conjugal, sugerindo que estas memórias são como que “organizadoras” do sentido coerente da relação ao longo do tempo e, desse modo, preditoras da satisfação conjugal.

Karakurt (2012) estudou a interacção complexa de características pessoais e relacionais na estabilidade e dissolução de relações de namoro, numa tentativa de compreender o papel de múltiplas influências. Numa amostra de 162 indivíduos, foram encontrados vários factores de ordem diversa que influenciavam a estabilidade relacional: características de personalidade, o estilo de vinculação, preferência por actividades, atitudes e necessidades. Estes parecem ser preditores mais consistentes da duração da relação do que factores relacionais, como a satisfação com a relação, o compromisso, a intimidade, o amor, a confiança, o conflito e o suporte social. Mais do que os resultados, que dão primazia a factores individuais, o estudo evidencia quais os factores que, numa teia complexa, poderão interferir no processo de construção da relação diádica, e, assim, hipoteticamente, consideramos nós, influenciar o desenvolvimento da identidade conjugal. No mesmo sentido, um estudo de Leggett, Roberts-Pittman, Byczek e Morse (2012), sobre estratégias de resolução de problemas relacionais, realizado com uma amostra de 977 indivíduos casados, evidenciou a associação positiva entre cooperação, no sentido das actividades e comportamentos relacionados com a intimidade e vivência conjugal que parecem ajudar a criar um sentido de interdependência, e felicidade conjugal percebida, bem como a associação de comportamentos de conflito e desacordo e menor felicidade conjugal percebida.

Knabb, Vogt, Gibbel e Brickley (2012), ao estudarem a associação entre padrões clínicos de personalidade e o funcionamento conjugal numa amostra de 270 casais, encontraram uma relação preditiva entre níveis mais elevados de padrões clínicos e patologia da personalidade severa e níveis mais baixos de funcionamento conjugal.

Também Barelds e Barelds-Dijkstra (2006), ao estudar as características de personalidade de parceiros em 42 casais em terapia conjugal, quando comparados com 42 casais em relações não problemáticas, concluíram que, na amostra clínica, os parceiros exibiam mais as características que Barelds (2005) demonstrou serem negativamente associados à qualidade das relações, nomeadamente neuroticismo, introversão e baixa auto-estima. Por outro lado, Rosowsky, King, Coolidge, Rhoades e Segal (2012), ao explorarem as dimensões da personalidade que mais contribuem para a satisfação conjugal numa amostra de 32 casais, concluíram que as mulheres reportam maior satisfação conjugal nos casais em que os maridos têm maior extroversão e menor conscienciosidade, ao contrário dos maridos, nos quais não se concluiu uma relação entre a sua satisfação conjugal e a personalidade das parceiras. Os autores sugerem ainda que a capacidade de criar vínculos, bem como a gestão adequada das semelhanças e diferenças de personalidade na díade conjugal, podem ser os factores que mais contribuem para a satisfação conjugal.

A perspectiva centrada nos factores intra-individuais vem em sentido oposto ao trabalho de Amato e Previti (2003) e de Gottman, Coan, Carrere e Swanson (1998), no qual são os padrões interaccionais que parecem desempenhar o papel principal na manutenção da estabilidade relacional do casal. Estes últimos, num estudo longitudinal ao longo de 17 anos, com uma amostra de 208 indivíduos, focado na instabilidade conjugal ao longo da vida, verificaram que factores relacionais, como a infidelidade, a fraca qualidade da relação, concretizada em incompatibilidade, distanciamento progressivo, diferenças de personalidade e falta de comunicação, foram mais sinalizados como causas dos seus divórcios, e, portanto, acrescentamos nós, revelando-se factores destrutivos da identidade conjugal.

Coy e Miller (2014) referem, também, a questão da inexistência de um vínculo formal (casamento vs coabitação conjugal), entre outras variáveis contextuais, como um grande desafio para a percepção das certezas e segurança do casal, sendo o compromisso e a existência de objectivos relacionais duas das variáveis que contribuem para reduzir o nível de incerteza da relação.

A literatura evidencia também o papel da interacção contínua na construção da relação e na satisfação conjugal. Segundo Pearson, Child, e Carmon (2010), os casais em relações de compromisso usam os rituais como forma de se definirem enquanto casal e para cimentarem a sua relação, expressando a sua micro-cultura única e a sua identidade relacional. O trabalho de Farrel, DiTunnariello & Pearson (2014) acerca da

relação entre rituais, revelações e satisfação relacional, junto de 359 indivíduos envolvidos numa relação, verificou que a satisfação relacional variava em função dos rituais de casal, dos rituais idiossincráticos e da propensão para a revelação, de entre as várias actividades que os casais partilham. Sugerem, por isso, que os rituais e as idiossincrasias do casal tenham a particularidade de reificar a sua relação, dando-lhe uma perspectiva de continuidade no eixo temporal e de simbolizar a sua identidade e singularidade. O estudo de Campbell, Silva e Wright (2011) pretendeu compreender os rituais no contexto de relações conjugais fora do vínculo do casamento, isto é, coabitações conjugais estabelecidas ou relações de namoro com coabitação intermitente. Numa abordagem indutiva e com recurso a uma amostra de 129 indivíduos (dos quais apenas 11% em coabitação conjugal), foram identificados os rituais mais frequentes nas suas relações de coabitação conjugal, como expressões de intimidade, saídas breves (escapadelas), tempo especial para os dois e códigos privados. Sobretudo, os participantes relataram formas como estes rituais serviam para criar e manter um espaço de significados partilhados, através da selecção de comportamentos com carácter simbólico (Fiese, Foley, & Spagnola, 2006) que ajudam a construir e fortalecer a sua identidade conjugal. Num estudo de Crespo, Narciso-Davide, Costa e Fletcher (2008), pretendeu-se compreender o papel dos rituais na família e na relação diádica e a sua relação com a vinculação, qualidade relacional e proximidade, recorrendo a uma amostra de 150 casais. Os dados evidenciaram que, nesta amostra, um maior investimento familiar nos rituais estava associado a níveis mais elevados de qualidade relacional e proximidade, sugerindo o papel destes no fortalecimento da coesão e da percepção positiva da relação conjugal. Foram também identificadas diferenças de sexo em relação ao carácter moderador dos rituais na relação entre a vinculação e a qualidade relacional e proximidade, mais evidente nas mulheres, eventualmente associadas a papéis de género e expectativas socioculturais.

Scabini e Manzi (2011) referem o carácter ecossistémico<sup>6</sup> das interacções conjugais, e, assim, a influência ecossistémica na identidade conjugal, no novo casal, salientando que algumas características familiares podem tendencialmente perpetuar-se no tempo, moldando a forma como as novas gerações experienciam as suas relações de conjugalidade, ainda que tentem e se consigam delas diferenciar. No estudo de Dennison, Koerner e Segrin (2014), ao examinar a influência das características da

---

<sup>6</sup> No sentido de Bronfenbrenner (1977).

família de origem na satisfação conjugal de 190 casais, os autores viram os resultados apoiarem a noção de transmissão intergeracional de qualidade conjugal já documentada noutros estudos<sup>7</sup>, e a associação do divórcio parental e conflito interparental a um nível mais baixo de satisfação conjugal, especialmente no caso das mulheres. Verificaram também uma associação directa entre o estilo de resolução de conflito dos pais e dos pais do parceiro, e a que é utilizada na relação dos casais estudados. O estudo longitudinal de Whitton et al. (2008), com 47 participantes, verificou também a influência duradoura dos padrões de comunicação familiares, especialmente da hostilidade, nas interações conjugais da descendência e, no caso dos homens, no pior ajustamento conjugal. Outro estudo (Gardner, Busby, Burr, & Lyon, 2011) pretendeu também avaliar o impacto da experiência com a família de origem nas atribuições acerca de variáveis pessoais (comunicação e personalidade) em relação à qualidade e estabilidade da relação conjugal. Com recurso a uma sub-amostra de 6649 indivíduos de uma base de dados, os resultados evidenciaram uma associação significativa e até preditora entre a experiência da família de origem e as atribuições individuais e do parceiro relativas à comunicação, especialmente nas mulheres.

Relativamente a redes alargadas, o trabalho de Felmlee (2001), embora se tenha focado em relações de namoro, visou compreender o impacto das relações sociais na estabilidade relacional dos casais, tendo concluído que os 446 participantes da amostra identificaram um impacto significativo das suas redes sociais, quer positivo, pela aprovação e suporte face a problemas da relação, e pela partilha de rede entre os membros do casal, quer também negativo, promovendo a separação quando a família de origem e amigos próximos não se mostram apoiantes. Concluiu-se, pois, que a percepção e comportamento da rede social parece exercer um efeito directo na avaliação individual da qualidade da relação e nas suas alternativas.

Que funções cumprirá a identidade conjugal na experiência e manutenção da relação de conjugalidade? Na escassez de estudos empíricos que abordam este construto nessa perspectiva, importa seguir também outros conceitos próximos que poderão dar pistas para a resposta. Num estudo longitudinal com 148 casais, com recurso à aplicação de instrumentos quantitativos em duas fases com cerca de 1,5 a 2 anos de intervalo, Acitelli et al. (1999) estudaram de que modo a relação entre o grau em que a identidade

---

<sup>7</sup> Por exemplo, Story, L. B., Karney, B. R., Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2004). Interpersonal mediators in the intergenerational transmission of marital dysfunction. *Journal of Family Psychology*, 18, 519–529. doi:10.1037/0893-3200.18.3.519.

do indivíduo é relacional (isto é, definida em função das relações que estabelece com os outros) pode ou não ser um factor de influência nas relações de intimidade e na sua satisfação relacional, por estar associada a pensamentos positivos acerca da relação. Para isso compararam a identidade relacional de casais não casados, com relações mais breves, e a identidade conjugal<sup>8</sup> de casais casados, considerando que nestes últimos a interdependência cognitiva seria mais forte, pelo tempo de relação e grau de compromisso, pelo que os pensamentos positivos acerca da sua relação não seriam consciencializados. Verificou-se que a identidade relacional forte, ou seja, a centralidade da proximidade e interdependência com os outros para o bem-estar e auto-estima dos indivíduos, em casais não casados, moderava a associação positiva entre pensamentos positivos acerca da sua relação e o seu grau de satisfação na relação; o mesmo efeito era desempenhado pela *fraca* identidade conjugal, em casais casados, o que os autores atribuíram a uma tendência dos esposos para tentarem de forma consciente encontrar pontos positivos na sua relação, quando esta tinha problemas, tornado-se “*positive seekers*”; no caso dos casais casados com elevada identidade conjugal, esta não moderava a associação, uma vez que os pensamentos positivos seriam mantidos em “*tacit awareness*”, uma forma automática de processar a relação decorrente da inclusão do outro no *Self*. Assim, a identidade conjugal, neste caso, tem efeitos protectores da relação – se for forte, evidencia a interdependência cognitiva; sendo fraca, conduz à adopção de estratégias reparadoras do funcionamento do casal, podendo aumentar, em ambos os casos, a satisfação conjugal.

Esta função de protecção relacional desempenhada pela identidade conjugal foi também investigada num estudo exploratório de Miller e Caughlin (2013), realizado com 35 sobreviventes de cancro e 25 parceiros, e tem a ver com um potencial efeito protector da relação face a desafios colocados a casais que enfrentam um diagnóstico e tratamento de cancro de um dos seus elementos. De facto, esta situação conduziu a alterações da identidade conjugal<sup>9</sup> em vários sentidos: para alguns casais, tornou a relação mais central e fortaleceu o vínculo; outros, viram a sua identidade enquanto casal clarificada face ao desafio, que se tornou um problema de ambos; outros, ainda, viram-na alterada e ameaçada pelo cancro. Este estudo evidencia sobretudo o carácter

---

<sup>8</sup> Os autores referem a noção de identidade conjugal como o grau em que o indivíduo se percepção como parte de uma díade e em que esta é considerada uma parte significativa do *Self*. Neste artigo, pois, a identidade conjugal é uma forma aumentada de identidade relacional.

<sup>9</sup> Miller & Caughlin (2013), ao contrário do estudo anterior, apresenta a noção de identidade conjugal como o sentido (*sense*, no original) dos parceiros do que eles são como unidade. Pressupõe, portanto, uma terceira entidade que emerge dos elementos do casal.

processual da identidade conjugal e a forma idiossincrática como esta pode contribuir para solidificar, manter ou alterar a qualidade relacional numa situação de doença oncológica. Também o estudo de Badr et al. (2007) pretende estudar o papel da identidade conjugal, enquanto integração da relação de casal no *Self*, avaliando o seu efeito na atenuação dos efeitos negativos do stress do elemento do casal que exerce as funções de cuidador, em casais que enfrentam uma situação de doença. Num estudo quantitativo realizado com 92 parceiros cuidadores dos seus cônjuges com graus de incapacidade e tempo de doença diversos, verificou-se que a identidade conjugal mediou a associação entre o stress dos cuidadores e a sua saúde mental. Os autores sugerem que a Inclusão do Outro no *Self* transforma a relação na lente pela qual os parceiros vêem o mundo (Acitelli & Badr, 2005), ajudando-os na sua adaptação progressiva à sua situação de cuidadores e na manutenção de uma avaliação positiva da sua relação, limitando a proliferação do stress.

Outros estudos (Clemens, & Swensen, 2000; Agnew et al., 1998) evidenciam o papel do compromisso entre os parceiros, e da interdependência cognitiva, como sua concomitante, na qualidade da relação e na sua centralidade para os membros do casal. Agnew et al. (1998) sugerem mesmo que a interdependência cognitiva, enquanto indicador de uma representação única da relação, possa, a nível inconsciente, contribuir para a manutenção da exclusividade das relações.

Dos estudos que vimos referindo, abordámos sobretudo os processos de construção, influências múltiplas e as funções de construtos próximos da identidade conjugal, sendo escassos os que a associam a uma entidade emergente da inter-relação dos elementos do casal, com propriedades, funções e processos próprios, distintos embora decorrentes dos indivíduos que a controem e experienciam. O casal, sendo um sistema (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1997), não escapa à complexidade e propriedades que lhe são intrínsecas, nem à influência do meio e das suas partes. Interessa, pois, conhecê-las para explorar esta proposta de conceptualização da identidade conjugal e quais os parâmetros que influenciam os seus elementos e o seu funcionamento. Nesta perspectiva, os estudos apresentados trazem-nos pistas de reflexão e pontos de partida que nos permitam aceder ao sistema o qual é “a sua própria e melhor explicação; e o estudo da sua organização actual é a metodologia apropriada” (Watzlawick, et al. 1997, p. 117). Segundo Fergus & Reid (2001), numa perspectiva sistémica-construtivista, a pessoa é indissociável dos seus sistemas e, para manter essa integridade, é necessário trabalhar com as experiências individuais de ser “nós”,

profunda e (in)conscientemente imbuídas em cada um. Neste sentido, consideraremos, neste estudo, as percepções e narrativas individuais sobre o processo de construção e desenvolvimento da identidade conjugal, os factores que a influenciam e as funções que desempenha.

### **Processo Metodológico**

É objectivo deste capítulo dar conta das etapas metodológicas percorridas no presente estudo, pelo que, numa primeira fase, se apresentam os princípios, pressupostos e paradigma orientadores da investigação e, numa segunda fase, se descreve o processo que foi desenvolvido de forma a concretizar a investigação.

### **Enquadramento Metodológico**

Nesta investigação, pretendemos identificar, numa perspectiva sistémica, as funções que são atribuídas ao constructo Identidade Conjugal, os sinais que lhe estão associados e os factores que influenciam positiva ou negativamente a sua construção, desenvolvimento e manutenção, partindo da voz dos participantes em relação à sua vivência e experiência conjugal. Trata-se, pois, de explorar as percepções individuais e subjectivas dos participantes, construídas na sua realidade. Para tal, o trabalho de investigação seguiu o paradigma construcionista como base orientadora do processo científico, posicionando o investigador relativamente às questões paradigmáticas fundamentais: a questão *ontológica*, relativa à forma e natureza da realidade e ao que dela é apreensível, para o investigador; a questão *epistemológica*, relativa à natureza da relação entre quem pretende conhecer e o seu objecto de investigação; e a questão *metodológica*, relativa à forma como será possível apreender o conhecimento acerca da realidade (Guba & Lincoln, 1994).

De acordo com Guba e Lincoln (1994), o paradigma construcionista caracteriza-se por um relativismo ontológico, baseado no pressuposto de que não há uma mas múltiplas realidades apreensíveis, já que a realidade é uma construção social de cada indivíduo, uma “imagem criada pela linguagem que usamos” (Locke, 2001, p.6); epistemologicamente, não isola o investigador do objecto de investigação, antes pressupõe o carácter transaccional e subjectivista do conhecimento, resultante da interacção entre ambos; finalmente, em termos metodológicos, caracteriza-se pela hermenêutica, análise e interpretação, dado o objectivo final de captar e construir uma compreensão alargada dos fenómenos, pressupondo e aceitando a interacção entre



participantes e investigador, este no papel de facilitador da (re)construção das diferentes vozes. Contrariando a posição positivista e pós-positivista, o paradigma construcionista interessa-se por “compreender o mundo da experiência vivida através do ponto de vista dos que a vivem” (Locke, 2001, p.8), num processo de construção interactiva de significados, cuja base e resultados são idiográficos: os significados não são estandardizados de local em local ou de pessoa em pessoa (Locke, 2001).

Considerando as características do paradigma construtivista e o objectivo da nossa análise, a investigação seguiu um desenho metodológico qualitativo (Guba & Lincoln, 1989), focando-se nos significados que se podem extrair da linguagem e expressões dos participantes, enquanto forma de aceder e compreender os seus pontos de vista, visando alargar o conhecimento e a compreensão do objecto em estudo.

### **Desenho da investigação.**

Este trabalho enquadra-se numa investigação mais vasta sobre identidade conjugal<sup>10</sup>, que visa delinear uma proposta de conceptualização sistémica da identidade conjugal, compreender o processo e pressupostos que permitem o seu aparecimento e construção, e estudar a relação entre esse constructo e variáveis como a satisfação conjugal e qualidade de vida.

Dada a complexidade do objectivo da investigação e o carácter ainda relativamente inexplorado do seu objecto, privilegiou-se uma abordagem qualitativa de cariz exploratório, com base numa amostra de indivíduos casados ou em coabitação conjugal no momento da recolha dos dados.

### ***Objectivos e mapa conceptual.***

Procurando contribuir para uma conceptualização sistémica da identidade conjugal, estabelecemos os seguintes objectivos em coerência com o Mapa Conceptual que apresentamos na Figura 1:

- 1) explorar as funções atribuídas à identidade conjugal por indivíduos que vivenciam uma situação relacional de conjugalidade;

---

<sup>10</sup> Projecto de investigação de Ana Catarina Duarte Branquinho, no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia Clínica e área temática de Psicologia da Família e Intervenção Familiar, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso e co-orientação da Professora Doutora Carla Crespo.

- 2) identificar pré-requisitos necessários ao processo de construção da identidade conjugal, na perspectiva de indivíduos que vivenciam uma situação relacional de conjugalidade;
- 3) identificar pontos nodais no processo de construção, desenvolvimento e manutenção da identidade conjugal, na perspectiva de indivíduos que vivenciam uma situação relacional de conjugalidade;
- 4) explorar que variáveis intrapessoais, interpessoais, conjugais e contextuais são percebidos como factores protectores e como factores de vulnerabilidade na construção e desenvolvimento da Identidade Conjugal;
- 5) perceber se 1), 2), 3), e 4), variam consoante o sexo, a situação relacional (casamento vs. coabitação conjugal) e o tempo de relação (relações curtas vs. longas).

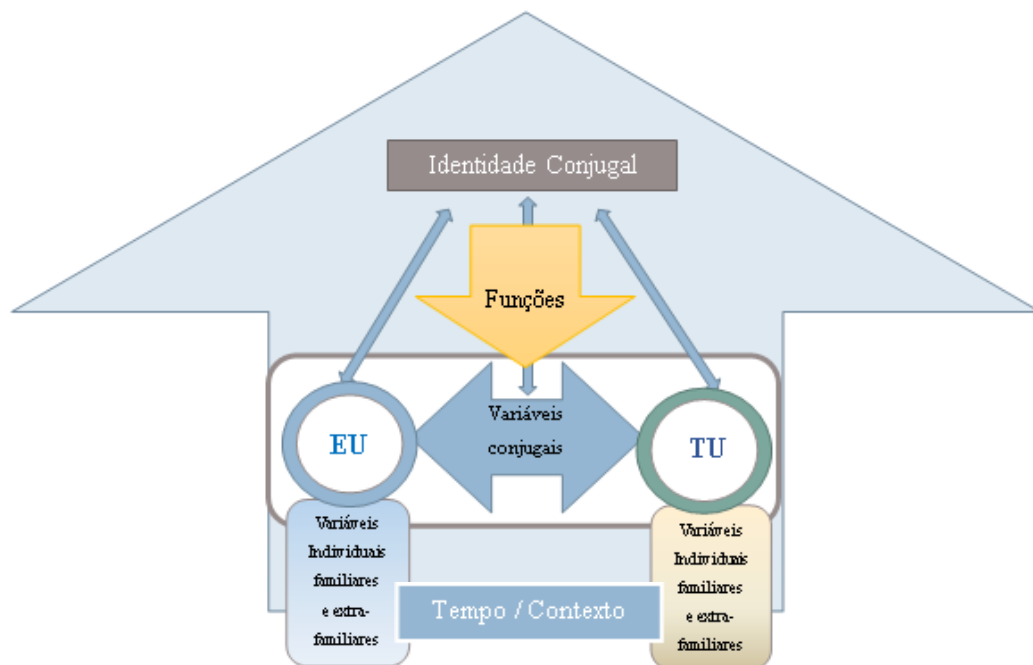


Figura 1. Mapa conceptual.

## **Estratégia Metodológica**

### **Seleccção da amostra e caracterização.**

A amostra deste estudo foi recolhida por amostragem de conveniência e recorrendo à estratégia não probabilística “bola de neve” a partir das redes sociais informais dos participantes. Compõe-se de vinte e um participantes com idade superior a dezoito anos, com pelo menos nove anos de escolaridade e em situação de conjugalidade (casamento ou coabitação conjugal) no momento da recolha de dados, critérios que foram considerados relevantes para o fenómeno em análise (Daly, 2007).

Os vinte e um participantes são portugueses, caucasianos e na sua maioria residentes em áreas urbanas, distribuídos pelas regiões da seguinte forma: quinze participantes residem na área centro sul do país (71,4%), cinco na área centro norte (23,8%) e um nos Açores (4,76%). Treze participantes são do sexo feminino (61,9%) e oito do sexo masculino (38,1%). Considerando o tipo de relação conjugal, dos vinte e um participantes, doze são casados (57,1%) e nove (42,9%) estão em situação de coabitação conjugal. Relativamente às relações de casamento, a média de tempo de duração é de 14,5 anos (variando entre 2 e 42 anos; DP=15), enquanto nas relações de coabitação conjugal é de 5,7 anos (variando entre os 2 e os 22 anos; DP=6,2). Na amostra, oito dos participantes em situação de casamento têm filhos (66,6%), verificando-se o mesmo em relação a cinco (55,6%) dos participantes em coabitação conjugal. Nesta situação relacional, um participante (11,1%) não tem filhos mas tem enteados. Relativamente à idade dos sujeitos, a média de idades na amostra é de 37 anos (variando entre 23 e 68 anos; DP=12,3).

No que respeita às crenças dos participantes, dezoito (85,1%) relataram ser crentes e três não professam qualquer crença religiosa (14,3 %). A amostra distribui-se, em termos de escolaridade, da seguinte forma: um participante tem formação dos 5/6.º anos (4,8 %), três frequentaram os 7/9.º anos (14,3%), oito frequentaram o ensino secundário do 10/12.º anos (38,1%) e nove relatam ter formação superior (38,1%). Finalmente, dezasseis participantes (76,2%) relataram nunca ter tido acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e cinco tiveram acompanhamento apenas no passado (23,8%).

## **Instrumentos Utilizados<sup>11</sup>**

### **Questionário sociodemográfico.**

Este questionário visa recolher informações que permitam caracterizar os participantes de acordo com dados sócio-demográficos, como sexo, idade, nível de escolaridade, profissão, área geográfica de residência habitual, estado civil, composição do agregado familiar, situação relacional, historial de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, religiosidade e número de filhos.

### **Entrevista semi-estruturada.**

A entrevista semi-estruturada é um instrumento de recolha de dados que reúne algumas das vantagens das entrevistas estruturada e não-estruturada. Por um lado, segue um leque de questões preparadas antecipadamente e organizadas num guião, aplicadas a todos os participantes, que pretende estimular a emergência de temas e padrões de resposta e permitir a sua comparação (Marks & Yardley, 2004); no entanto, esse guião é flexível para permitir ao entrevistador seguir pistas, fazer transições e revisões que acompanhem direcções inesperadas e frutíferas sugeridas pelos participantes (VanderStoep & Johnston, 2009), acedendo aos seus pensamentos e reacções subjectivas acerca do fenómeno em estudo e seguindo o seu ritmo pessoal e fluência.

Neste estudo, os dados foram recolhidos com recurso ao guião de entrevista<sup>12</sup> construído para a investigação de doutoramento já referida, na qual o presente trabalho está inserido. Este seguiu a seguinte estrutura: uma fase inicial de contextualização da investigação e da entrevista e de explicitação dos seus objectivos, bem como de garantia de confidencialidade dos dados recolhidos e do anonimato das respostas; um segundo momento, no qual foram respondidas as questões e realizadas tarefas que estavam organizadas em blocos temáticos<sup>13</sup>, terminando, na fase final, com o agradecimento pela

---

<sup>11</sup> No âmbito da investigação para doutoramento, foi ainda aplicado um instrumento de avaliação da satisfação conjugal, o qual não será, aqui, descrito uma vez que a sua análise não se enquadra nos objectivos do presente estudo.

<sup>12</sup> Dado que a investigação supracitada ainda se encontra em curso, o guião não será colocado em Anexo.

<sup>13</sup> Bloco A – Metáfora da Relação (objectivos gerais: criar um contexto colaborativo; identificar, através de metáforas, pistas sobre a identidade conjugal (IC) e a satisfação conjugal dos participantes); Bloco B – Significações e Caracterização de IC (objectivos gerais: identificar significações e características gerais de IC; compreender, através de tarefas concretas, as características da IC do participante; compreender a relevância da IC para a relação conjugal; identificar marcadores de solidez da IC); Bloco C – Processo de Construção e Desenvolvimento da IC (objectivos gerais: compreender processos de construção, desenvolvimento e desconstrução da IC; identificar factores influentes (de protecção e de risco para a IC) no processo de construção e desenvolvimento da IC; compreender o percurso da IC do participante); Bloco D – O papel da IC (objectivo geral: explorar as funções associadas à IC); Bloco E – Relação da IC com Satisfação Conjugal (objectivo geral: perceber a relação entre o percurso da IC dos participantes e a

participação e informações relativas à possibilidade de obterem *feedback* acerca dos resultados, assim como acerca da disponibilidade do Serviço à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa como um recurso para intervenções de carácter preventivo ou terapêutico.

### **Procedimento de Recolha de Dados**

Com base na rede de contactos informais da equipa de investigação, com recurso à estratégia “bola de neve” de aquisição de possíveis contactos, sugeridos sucessivamente por participantes na investigação, foi possível estabelecer contacto com indivíduos na situação relacional de casamento ou coabitação conjugal para, depois de lhes explicar os objectivos do estudo e de explicitar o formato individual, a duração estimada da entrevista, a garantia de confidencialidade e de anonimato das respostas, avaliar a sua disponibilidade para a colaboração voluntária e gratuita no estudo. Uma vez que esta era confirmada, procedia-se ao agendamento e definição do local da realização das entrevistas, geralmente o domicílio dos participantes, a FPUL ou outro local adequado, considerando a sua conveniência.

Todas as entrevistas foram realizadas por investigadores pertencentes à equipa de investigação e contaram com a presença de apenas um ou dois dos investigadores, para além do entrevistado. Este, após ler e assinar o consentimento informado, respondia às questões, tendo as entrevistas, de duração média de 100 minutos, sido gravadas em formato áudio e transcritas na sua totalidade.

### **Procedimento de Análise de Dados<sup>14</sup>**

Os dados recolhidos nas entrevistas passaram por um procedimento de análise comum às metodologias qualitativas, que incluiu várias fases: num primeiro momento a transcrição das entrevistas, seguida da sua leitura global e, seguidamente, leitura aprofundada com imersão nos dados. Desta, com recurso ao *software* de análise qualitativa de dados QSR NVIVO (v.10), foi possível desenvolver um sistema de códigos com categorias emergentes a partir dos dados. Do procedimento de codificação

---

sua satisfação conjugal); Bloco F – Metáfora da IC (objectivo geral: aceder, através de metáforas, a uma compreensão holística da IC)

<sup>14</sup> O processo de codificação e análise de dados deste estudo não concerne à totalidade dos blocos temáticos, tendo-se cingido aos blocos C (Processo de Construção e Desenvolvimento da IC) e D (Papel da IC), ainda que toda a equipa de investigação tenha participado na condução integral de várias entrevistas e no seu processo de transcrição.

aberta, em que os dados foram agrupados em categorias concretas de primeira ordem, continuamente comparados para verificação da sua congruência, de acordo com os conceitos e ideias que os integram, passou-se para a criação de categorias mais latas de 2ª ordem – categorias conceptuais -, as quais incluem diversas categorias de primeira ordem já identificadas, e, destas, para outras cada vez mais abrangentes, que foram depois reorganizadas, num processo de codificação axial, com base nas ligações verticais e horizontais que estabelecem entre si. Este procedimento de codificação elicit o desenvolvimento de temas relevantes, visto que recorre ao confronto com os dados recolhidos e comparação permanentes.

### **Apresentação e Discussão de Resultados**

Os dados foram objecto de uma análise de conteúdo compreensiva inter-casos, procurando corresponder aos objectivos do estudo. Assim, serão descritas e reflectidas as respostas sugeridas pelos dados, bem como comparações e cruzamentos entre as categorias e sub-categorias mais salientes e os dados demográficos “Sexo”, “Tipo de relação” e “Duração da relação”, de modo a contribuir para uma maior clarificação das questões em investigação.

#### **Funções da Identidade Conjugal**

No que concerne à análise das questões do Bloco D<sup>15</sup> da entrevista, relativas às funções da Identidade Conjugal (IC)<sup>16</sup>, procurámos explorar as percepções dos participantes, através de um trabalho de análise temática, por um processo de codificação aberta, obtendo categorias de 1ª ordem (Anexo 1), mais próximas das vozes dos participantes, que foram sendo agrupadas em categorias de 2ª e 3ª ordens (Figura 2), mais abrangentes, numa perspectiva ecossistémica (Bronfrenbrenner, 1977), num processo de comparação contínua entre os dados (cf. Anexo 2).

---

<sup>15</sup> As funções da IC foram exploradas a partir das respostas às seguintes questões da entrevista semi-estruturada: “Para que serve a IC?”, ou “Que funções tem a IC?”, ou “Quais as consequências/implicações de uma forte/fraca IC?”.

<sup>16</sup> A partir de agora, poderemos referir-nos à identidade conjugal usando a sua sigla IC.

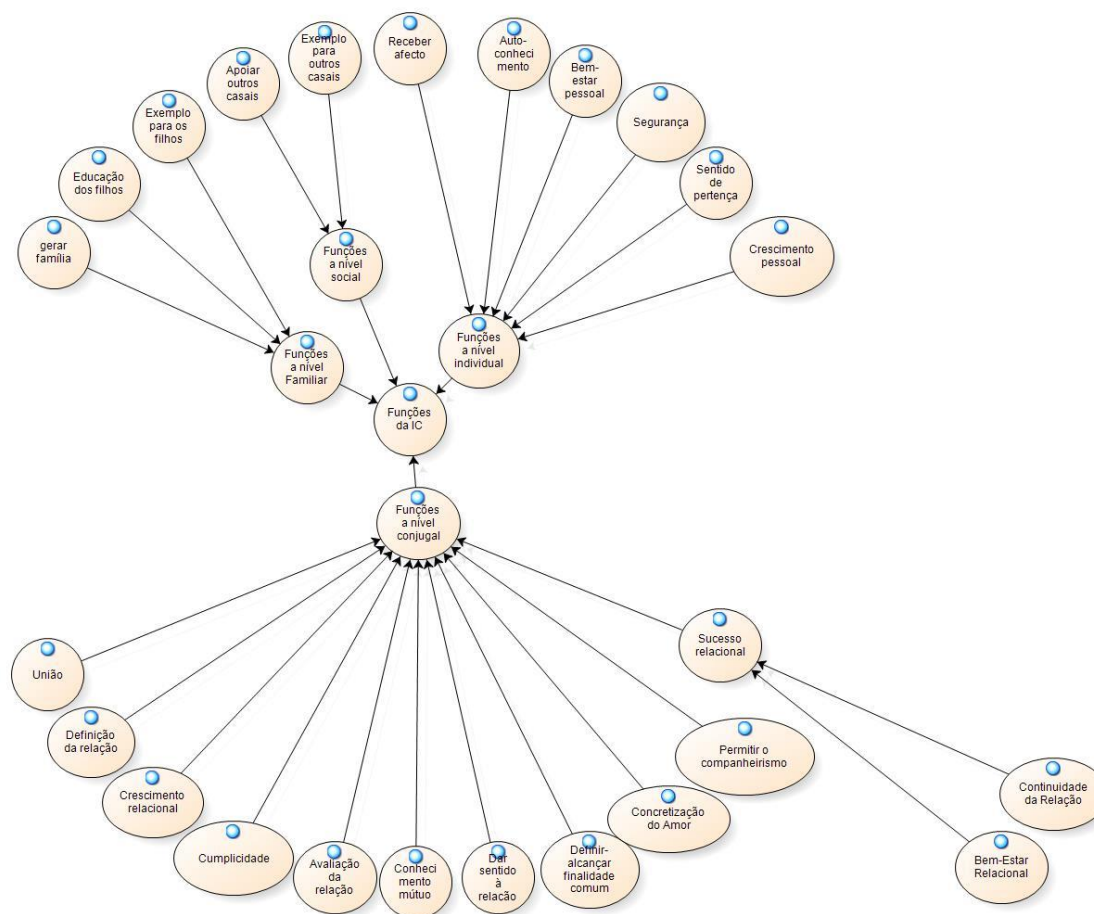


Figura 2. *Categorização das Funções da Identidade Conjugal*

Numa análise mais quantitativa das fontes codificadas nas várias categorias que emergiram, ficou clara a predominância das funções a nível conjugal e individual. As funções da IC mencionadas pela maioria dos participantes (20) situam-se ao nível da conjugalidade, relacionando-se de forma muito relevante<sup>17</sup> com o sucesso relacional (14)<sup>18</sup> e moderadamente relevante com a união (8): “*Ou seja, um casal que tenha pouco ou nenhuma identidade conjugal, também não vai levar uma vida muito boa...não consegue também construir nada; cada um joga para seu lado; não há uma união.*”

<sup>17</sup> Foram considerados os seguintes critérios de hierarquização de relevância: **muito relevante**, quando as categorias foram mencionadas por pelo menos 2/3 dos 21 participantes ( $\geq 14$ ); **relevante**, quando referidas por mais de metade mas menos de 2/3 (11-13) dos respondentes; e **moderadamente relevante**, quando se situavam no intervalo entre 1/3 e menos de metade dos participantes (7-10). Este mesmo critério foi adoptado, proporcionalmente, em relação ao número de fontes, na análise das sub-categorias mais elementares, conforme quadro em Anexo 3. Posteriormente, foram elaboradas comparações e cruzamentos entre as categorias e sub-categorias mais salientes e os dados demográficos “Sexo”, “Tipo de relação” e “Duração da relação” (cf. Anexos 4 e 5).

<sup>18</sup> Sempre que necessário, apresentamos o número de participantes da amostra/grupo que referiram uma dada categoria.

(AS\_12, 39A, F, CC6)<sup>19</sup>. O sucesso relacional está implicado no bem-estar relacional de forma muito relevante, e na continuidade da relação de forma moderadamente relevante. Estes dados parecem estar de acordo com a literatura, ao sublinhar o papel da união e da IC na satisfação conjugal (Cropley & Reid, 2008; Acitelli et al., 1999) e nas relações de compromisso (Agnew et al., 1998), na medida em que contribuem para os comportamentos de manutenção e persistência na relação (Le, & Agnew, 2003).

Emergem, na totalidade da amostra, também funções a nível individual (7), embora de forma moderadamente relevante, especialmente associadas ao bem-estar pessoal: *“É mesmo isso, é sermos felizes ou sermos depressivos.”* (19\_MD, 34, M, CC3) e à segurança: *“uma segurança tanto para um como para outro, se precisares é a ele que vais, é a ele com quem vais ter... Acho que é a base, a segurança.”* (8\_MC, 42A, F, CC5).

Observando o tipo de relação dos participantes, mantém-se a primazia das funções da IC a nível conjugal, de forma categórica no universo dos participantes casados (12) e em coabitação conjugal (9). No entanto, no grupo dos participantes em coabitação conjugal, ao contrário do que acontece no grupo dos casados, as funções individuais aparecem como relevantes (5). As funções conjugais surgem associadas à avaliação da relação: *“Serve para avaliar o casal, para... Para avaliar o casal, para nós termos noção, como casal, de como é que ele funciona.”* (SD\_17, 30, F, CC3); ao sucesso relacional: *“Para mim é para ser feliz, é para estar bem com a vida e com o tu que nós temos.”* (MD\_19, 34, M, CC3); e como elemento estruturador e de segurança da relação: *“acho que é a base de uma relação... Acho que é a base de uma relação, acho que é a estrutura principal...”* (8\_MC, 42A, F, CC5). A prevalência da atribuição das funções da IC na conjugalidade, mesmo nos participantes em coabitação conjugal, parece contrariar a ideia de que a falta de um compromisso formal poderia resultar numa secundarização da importância da relação para os seus membros, pelo que se considera a hipótese de que a IC funcione como uma forma de fortalecer o compromisso e a importância da própria relação, apesar da inexistência do vínculo formal, contribuindo para a redução do nível de incerteza, geralmente mais elevado nas relações de coabitação (Coy & Miller, 2014).

---

<sup>19</sup> A partir de agora, as citações serão identificadas com a informação, entre parêntesis, do código do participante seguido de: idade (x A), sexo (F/M), tipo de relação (C-casamento; CC-Coabitação Conjugal) e tempo de relação em anos.



Também comparando por sexo, as funções da IC são percebidas pelos participantes como fundamentais a nível conjugal (12 mulheres e 8 homens). No entanto, emergem diferenças qualitativas que parecem advir desta característica: tanto homens como mulheres atribuem funções à IC a nível da conjugalidade de forma muito relevante, mas nesta dimensão, para o sexo feminino, a segurança/pertença é a função da IC mais referida: “*É isso! É o meu qualquer coisa. Não é no sentido de posse, mas no sentido de segurança.*” (11\_TT, 39, F, CC22) -, enquanto, para os homens, é um indicador de sucesso da relação: “*sem identidade conjugal não pode existir relação com futuro, no sentido em que não há nada em comum, portanto, a identidade identifica-nos e a relação até pode durar muito tempo, mas não terá um futuro no sentido em que as pessoas estejam realizadas.*” (PD\_21,30,M,C3). É de notar que, ao nível individual, os homens atribuem funções à IC de forma moderadamente relevante, nomeadamente de complemento e suporte pessoal, bem como de ponto de partida para o crescimento individual. Tal pode estar relacionado com a maior competência feminina na prestação do suporte emocional e dos homens enquanto beneficiários desse apoio (Crockett, & Neff, 2013).

Comparando agora as funções da IC por duração da relação (Relação curta: < 10 anos; relação longa: > 10 anos)<sup>20</sup>, novamente, as funções que ambos os grupos indicam como muito relevantes são associadas ao casal (15 e 5, respectivamente): “*Se calhar passará um bocado por aí, o sentido. Porque é que nós continuamos juntos, porque é que continuamos a fazer com que esta relação funcione, porque é que... Eu às vezes também me questiono sobre isso, não é, porque é que eu continuo com ele, porque às vezes estou pelos cabelos. Depois acabo por chegar à conclusão que gosto dele e amo-o, não é?*” (1\_RS, 38, F, C14); “*É o caminhar para um fim comum... e é caminhar cada vez mais juntos...*” (6\_EL, 68, F, C42).

Por outro lado, nos participantes com relações mais recentes, as funções a nível individual são consideradas moderadamente relevantes, no sentido de pertença, segurança: “*Acho que é a base, a segurança... S: De certo modo é como uma estrutura de apoio, de suporte...*” (8\_MC, 42, F, CC5); satisfação pessoal com a relação: “*É mesmo isso, é sermos felizes ou sermos depressivos.*” (19\_MD, 34, M, CC3), e também funções de auto-conhecimento e de crescimento pessoal: “*conhecer o outro,*

---

<sup>20</sup> Foi considerado o critério da duração das relações (<10 anos ou >10 anos) uma vez que corresponde à média do tempo de relação dos participantes da amostra. Para além disso, considerando as suas idades, os 10 anos de relação permitem que, seguindo o ciclo vital da família, os participantes tenham já tido a eventual possibilidade de experienciar desafios inerentes à vida conjugal, como o nascimento de filhos.

*autoconhecer-se a si próprio*” (17\_SD, 30, CC3). Esta faceta poderá estar relacionada com a “relationship awareness”, isto é, o pensamento e reflexão individual acerca da relação, comparando padrões interaccionais de cada parceiro, e que implica que a relação seja vista como uma entidade (Acitelli, 2002).

Nas relações mais duradouras, a IC assume funções moderadamente relevantes também a nível familiar: “...*porque a Identidade Conjugal é o núcleo da família*” (5\_NI, 43, F, C21); “*Para quê que acha que serve, afinal para que serve a IC? - Um exemplo para os filhos... Devem ser, às vezes podem não ser, mas tentamos que seja*” (6\_EL, 68, F, C43) Neste grupo, as funções atribuídas a nível individual prendem-se sobretudo com a segurança e sentido de pertença: “*a gente precisa ter aquele carinho... e ter o sentido de pertença a alguém. Dá segurança, dá muita segurança*” (11\_TT, 39, CC22). Este alargamento das funções da IC ao núcleo familiar poderá relacionar-se com a extensão dos vínculos afectivos que ligam o casal para os filhos, com a passagem dos seus valores, significados e sentido único daquela família à nova geração como novo papel da díade conjugal (Cigoli & Scabini, 2006).

### **A hipótese da tripla função da identidade conjugal**

Estes dados relativos às funções foram posteriormente recodificados em três novas categorias, correspondendo a uma hipótese que se foi desenhando acerca do papel da IC a estes níveis. Nesta proposta, cujos termos emergem da voz dos participantes, a identidade conjugal surge associada a três papéis principais, referidos em número muito relevante a nível conjugal (20) e moderadamente relevante a nível individual (7): o de “Âncora”, na perspectiva da segurança da relação e dos elementos do casal, “Bússola”, como sistema de orientação da relação, visando atingir o sucesso relacional, e “Motor”, como estímulo e força ao desenvolvimento da relação conjugal e ao crescimento dos parceiros, individualmente.

Mais detalhadamente, a função de “âncora” concretiza-se através da sua função de base e estrutura, a partir da qual se define a própria relação e as suas especificidades, permitindo dar um sentido simbólico à relação, circunscrever o universo da relação, definir as regras de funcionamento daquela relação particular e definir e alcançar objectivos comuns: “*uma âncora de um barco... pronto, não deixa que me tire dali...*” (3\_J, 31, M, CC2). Esta função pode ter paralelo no princípio simbólico do eixo organizacional do modelo Simbólico-Relacional de Identidade Familiar de Cigoli e

Scabini (2006), visto que constitui o substrato a partir do qual se dá substância e sentido à relação. A nível individual, esta função verifica-se sobretudo a nível do sentido de segurança que a relação transmite: “T: *É isso! É o meu qualquer coisa. Não é no sentido de posse, mas no sentido de segurança (...) Eu sei que eu posso usufruir de ti!*” (11\_TT, 39, F, CC22), na componente da vinculação psicológica, a qual se interrelaciona de forma dinâmica com a relação diádica (Mikulincer, Florian, Cowan, & Cowan, 2002; Agnew et al, 1998). A nível do casal, esta função poderá estabelecer as regras interaccionais e o universo relacional partilhado que lhe permita enfrentar, como unidade diádica, desafios e situações que exijam uma reorganização, como uma doença (Miller & Caughlin, 2013) ou uma alteração da natureza da sua relação (Badr et al., 2007).

A função de “bússola”, que actua de forma muito relevante a nível conjugal, parece estar mais relacionada com o eixo dinâmico do modelo de Cigoli e Scabini (2006), no sentido da avaliação da criação e manutenção dos laços que sustentam a relação: “Para que é que serve? A... *Serve... para... nos lembrar quando alguma coisa não está... T-. Hum hum. S- Está a descair... e é portanto aquele botão que faz cair a ficha e que faz: «Olha, se calhar temos que rever aqui uma coisa ou outra. Temos que começar a fazer mais isto, ou mais aquilo.» Eu acho que é sobretudo, é como se fosse uma bússola*” (10\_SA, 24, F, CC2), da avaliação do seu nível de solidez e/ou fragilidade e no impacto que têm na sua continuidade: “Uma relação forte, vão morrer velhos. Vão morrer de velhos um com o outro e não se vão separar. S – Hum, hum. E vão ser felizes? T – E vão ser felizes. S – Ok. T – Como querem e como estão” (13\_TS, 43, M, CC6). O resultado dessa avaliação verifica-se na existência dos ingredientes afectivos do princípio simbólico de Cigoli & Scabini (2006), concretizando-se nos sinais de dádiva mútua e reciprocidade, associados ao sucesso relacional, como o amor, a harmonia, a união, o companheirismo, a cumplicidade, isto é, a felicidade do casal: “A... *Serve para nós termos uma vida harmoniosa para sermos felizes.*” (2\_PL, 48, F, C25) (2006). Esta função vem na linha do que é sugerido por Acitelli et al. (1999), que referem que a “*relationship awareness*”, o pensar e falar acerca da relação em termos diádicos, permite atingir melhores níveis de satisfação relacional.

Finalmente, a função de “motor”, emerge como um estímulo para a evolução da relação em direcção ao sucesso relacional: “*sem a identidade conjugal... E: Sem este eu, tu e nós. M: ...não há amor entre as pessoas, ou seja, não estão...estão encostados. (...)* M: *Estão encostados à bananeira, só porque, pronto! Vamos continuar assim, vamos*

*seguir, vamos ver onde é que isto vai dar, mas não existe amor, não existe companheirismo, não existe nada.*” (14\_MS, 25, F, C2). No mesmo paralelo, esta função poderia constituir o que é interactivo e agido no princípio dinâmico do modelo de Cigoli e Scabini (2006), concretizando os laços que entretecem a relação em actividades, vínculos e expectativas mútuas de reciprocidade e de continuidade, provenientes da gratificação que advém da interacção diária e do envolvimento com o parceiro (Agnew et al, 1998).

Nesta hipótese de conceptualização das funções da identidade conjugal parece estar reflectida a complexidade sistémica inerente ao constructo em investigação, por várias razões: desde logo porque neste está presente o princípio da multifinalidade (Buckley, 1971; Morin, 1984) que preconiza que uma mesma condição inicial (a IC) possa conduzir a resultados variados. Como vimos, a IC parece ter por funções interferir na auto-organização do casal gerando respostas quase paradoxais: enquanto se dá segurança e estabilidade (âncora), enquanto se dá sentido ao que existe (bússola) e se circunscreve a relação ao casal ao aqui e agora, dá-se também, em certa medida, força motriz para o movimento transformativo, visando o crescimento da relação e das partes que a constituem, num movimento autopoietico de regulação do todo e das partes que o constituem, que conduz à conservação da identidade do sistema (Maturana & Varela, 1994).

### **Pré-Requisitos da Identidade Conjugal<sup>21</sup>**

Numa análise da árvore de categorias, verificámos que os nossos objectivos 2) e 3) foram agrupados nas categorias “Construção e Desenvolvimento da IC” e “Facilitadores da IC”, nas quais estão inseridas as categorias cada vez mais próximas das vozes dos participantes. Na categoria “Pré-requisitos para IC – Sementes”, verificámos que o amor emerge como pré-requisito moderadamente relevante (6), juntamente com o compromisso (7). Verifica-se ainda uma dispersão muito elevada de respostas, com metade dos respondentes (9) a identificarem pré-requisitos que não coincidem com os referidos pelos demais participantes. Este dado evidencia o carácter sistémico da IC, pela equifinalidade característica dos sistemas complexos, a qual

---

<sup>21</sup> Os pré-requisitos da IC foram explorados a partir das respostas às perguntas: “O que é preciso para se construir a IC?” ou “O que tem um casal de fazer para construir a sua IC?”.

pressupõe que múltiplas condições iniciais podem conduzir ao mesmo resultado (Watzlavick et al., 1997).

Observando o tipo de relação dos participantes, verifica-se uma dispersão das respostas a nível dos pré-requisitos nos dois tipos de relação conjugal. Nos participantes casados, o compromisso aparece como resposta moderadamente relevante (4); na coabitação conjugal aparece o amor (3) e o compromisso (3) com frequência de respostas moderadamente relevantes. Poder-se-á pensar no compromisso como componente da interdependência cognitiva, permitindo que se estabeleça o vínculo psicológico entre os parceiros (Agnew et al., 1998), o que salienta o seu papel de “cola” que mantém o casal (Arriaga et al., 2007), independentemente do tipo de relação.

Analisando comparativamente os dados relativos aos pré-requisitos para a IC, em função do sexo dos participantes, um número moderadamente relevante de mulheres referem o amor e a compreensão (5); os homens referem o conhecimento mútuo (3).

Numa análise dos discursos, o amor aparece como uma semente que engloba muitas outras características, uma espécie de categoria-mãe onde cabem os sentimentos e características positivas que tornam a relação possível: “...portanto, para mim o amor é o mais importante e é o amor que eu coloco (...) porque cabem lá todas as outras.” (10\_SA, 24, F, CC2). Essa concepção múltipla do amor parece estar de acordo com várias propostas de conceptualização multidimensionais do amor romântico (Aron & Westbay, 1996; Sternberg, 1986). A valorização do amor pelas mulheres vai ao encontro do estereótipo do romantismo feminino, entretanto contrariado por estudos como o de Harrison & Shortall (2011).

Já os homens parecem valorizar o contacto diário e a descoberta que conduz ao conhecimento mútuo: “S - E o que é que é preciso para se construir a identidade conjugal? F- Conviver. S- Hum, hum. F- Conhecer...é basicamente. Ah, e falar. S- E falar... F-Falar e ter atitudes.”; “F- Inicialmente, a maior parte das relações começa por atracções físicas. S- Hum, hum. F- Não seja por identidade...não é pelo conhecer a pessoa, e é impensável conhecer uma pessoa em três horas. S- Sim, sim, sim. F- (Risos) Só mesmo com o tempo.” (15\_FS, 28, M, C2). Tal parece ser congruente com o Modelo de Expansão do Self (Aron & Aron, 1997), na medida em que a participação em actividades novas e desafiadoras com o seu parceiro traz ganhos à relação, visto que o parceiro fica associado ao aumento de emoções positivas, e porque a partilha de actividades de expansão faz com que ambos os parceiros se sintam próximos (Tsapelas, Aron, & Orbach, 2009), aumentando a percepção do seu amor e de sucesso relacional a

longo prazo (Aron, Norman, Aron, McKenna, & Heyman, 2000; Tsapelas et al., 2009). Por outro lado, a Expansão do Self decorrente da relação parece actuar como impulsionadora da sua manutenção e aprofundamento (Lewandowski, Aron, Bassis, & Kunak, 2006).

Verificando as respostas pela duração da relação dos participantes, os que têm relações mais curtas privilegiam, de forma moderadamente relevante (5) o amor e o conhecimento mútuo, enquanto nas relações mais longas o compromisso emerge como um pré-requisito relevante (4). Este tem várias tonalidades no discurso dos participantes: surge ligado ao respeito pela exclusividade da relação (tal como sugerido em Agnew et al., 1998), ao empenho, e inerente esforço, na adequação do participante à forma de ser do seu parceiro e, sobretudo, à perspectiva de futuro que o relacionamento implica: *“Sentir cumplicidade e segurança. Poder dizer «É esta a minha pessoa.» É poder dizer «Eu não sei o futuro, mas agora quero estar contigo e vou fazer tudo para estar contigo».”* (11\_TT, 39, F, CC22) -, coincidente com a orientação para o futuro que constitui a componente cognitiva da interdependência cognitiva (Agnew et al., 1998). Sendo o compromisso construído e experienciado numa base diária, espera-se que surja como um valor mais significativo para os casais mais antigos, os quais experimentaram essa orientação para o futuro de forma mais prolongada.

### **Factores nodais no processo de construção da identidade conjugal.<sup>22</sup>**

Quanto à categoria “Factores nodais no desenvolvimento da IC – Sementes Principais”, isto é, condições essenciais para a emergência da IC, o amor predomina na amostra como único factor nodal relevante (11), verificando-se uma grande dispersão das respostas dos participantes relativamente a outros factores. Encontramos novamente a equifinalidade da IC, na medida em que os participantes indicam condições iniciais diversas confluindo para um resultado idêntico (Watzlavick et al., 1997), que é a construção da sua IC. Sendo o amor um pré-requisito para a IC nesta amostra, como vimos, o amor enquanto ponto nodal poderá ser entendido como uma base a partir da qual o processo de construção da IC pode ser iniciado, definindo a sua natureza como

---

<sup>22</sup> Os factores nodais no processo de construção, desenvolvimento e manutenção da IC foram sobretudo explorados a partir das respostas à tarefa 3 da entrevista semi-estruturada, composta por um cartão com frases para completar: A) Sem \_\_\_\_\_ não pode existir identidade conjugal.

romântica e estabelecendo, por isso, o reportório de regras, comportamentos e interacções adequados à auto-organização do novo sistema.

Comparando os dados relativos aos factores nodais para o desenvolvimento da IC (sementes principais) em função do tipo de relação dos participantes, o amor aparece indicado com frequência relevante (7) para os casados, enquanto para as coabitações conjugais aparece como moderadamente relevante (3).

Analisando os dados em função do sexo dos participantes, o amor surge como factor nodal muito relevante para as mulheres (9), enquanto, nos homens, se verifica grande dispersão das respostas. Para aquelas, o amor funciona como uma base da IC, sem a qual esta não pode existir: *“Porque amor é a base e acho que é a base e o princípio de... Talvez não seja a base, mas é aí que começa uma relação, pelo que uma pessoa sente pelo outro. Logo, se é daí que começa, tem de se considerar isso como uma base”* (17\_SD, 30, F, CC3); *“Então, sem amor não pode existir identidade conjugal. Eu acho que dentro de um casal se não existir amor, também não há harmonia, não pode haver uma vida a dois.”* (12\_AS, 39, F, CC6), o que é congruente com a associação entre amor e compromisso (Schmitt, et al., 2009) evidenciada pelo sexo feminino.

Observando a duração da relação dos participantes, em ambos os grupos o amor surge como o factor nodal mais referido, ainda que apenas em número moderadamente relevante (8 relações curtas; 3 relações longas). Verifica-se, também neste caso, uma grande dispersão das respostas relativamente aos outros factores nodais. Relativamente ao amor, nas relações mais breves este é caracterizado como a base da relação e o elemento aglutinador onde as outras categorias cabem: *“Porque a palavra amor não é só “amor, eu amo-te”, para tu amares aquela pessoa, tem de ter as outras coisas todas atrás.”* (18\_LD, 29, F, C3); *“Sem amor não pode existir IC, aqui o amor engloba tudo aquilo que eu disse... primeiro.”* (6\_EL, 68, F, C42). Neste sentido, o amor parece emergir como um substrato no qual a IC se desenvolve, num cruzamento indissociável com a temporalidade da relação, pois é no tempo que se verifica o investimento emocional que lhe está implícito.

**Do namoro à relação consolidada: uma construção progressiva.<sup>23</sup>**

Todos os participantes descrevem o processo de construção da IC como progressivo, em linha com a noção aberta e dinâmica da identidade proposta por Erikson (1968), assente na temporalidade como propriedade deste (e de qualquer) sistema (Watzlawick, et al., 1997) e com a natureza transaccional do seu desenvolvimento (Lichtwark-Aschoff et al., 2008). Na amostra, oito dos participantes identificaram diferenças da IC entre casais em fase de namoro ou em fase de relação conjugal; sobretudo, identificam a transição como uma mudança qualitativa, no sentido da melhoria: *“E então está-me a querer dizer que a identidade conjugal surge logo no início e que se vai construindo progressivamente. B-Sim, vai-se melhorando progressivamente.”* (20\_BD, 29, F, C3); da consolidação: *“o casamento vai consolidar aquilo que tu já tinhas mais ou menos e vai dar, ahhh, corpo, corpo à tua acção, não é?”* (1\_RS, 38, F, C14); mas também de desafio e dificuldades: *“porque nos primeiros anos de casado é tudo muito bonito, tudo... Mas às vezes muito difícil também a adaptação (...) uma coisa é namorar e outra coisa é viver em comum”* (6\_EL, 68, F, C42), e de passagem da individualidade para o “nós”: *“Porque acho que aí no namorar é individualidade de cada um. E-hum hum. A- Acho que ainda estamos naquela fase do conhecer, ainda há muito, ainda há esses tais vínculos que eu falava, ainda não foram solidificados. Eu acho por exemplo, na questão do casar acho que sim. É uma decisão.”* (9\_AB, 40, M, C14).

As diferenças da identidade conjugal na fase de namoro para a fase de relacionamento conjugal foram consideradas relevantes pelos participantes do sexo masculino (4), pelos casados (6) e pelos participantes com relações mais longas (4), indiciando que o casamento possa ser percepcionado como um marco, símbolo da passagem para uma fase qualitativamente diferente, a qual implica uma maior certeza: *“A- O casar é uma decisão que está a ser tomada, teve que ser ponderada, teve que se comunicar muito, teve que se envolver a família... Eu acho que quando há... Que quando são dados uma série de passos em que se chega a uma intenção, vá, digamos assim, eu acho que aí sim, aí a identidade do casal de alguma forma, tem que ser é um momento marcante. Tem que ser uma coisa... E- Decisivo. A- Exacto.”* (9\_AB, 40, M, C14).

---

<sup>23</sup> O carácter progressivo do processo de construção, desenvolvimento e manutenção da IC foi sobretudo explorado a partir das respostas às questões: Quando é que na história de um casal, se pode falar em IC? e “A IC surge imediatamente ou vai-se construindo progressivamente?”.



### ***Qualidades específicas do namoro.***

O namoro é percebido como impulsionador da IC de forma moderadamente relevante (7), sendo muito relevantes as qualidades específicas que lhe estão associadas (5), nomeadamente o papel do conhecimento mútuo-descoberta e o domínio da individualidade sobre o casal. Emergem diferenças na concepção do namoro enquanto impulsionador da IC em função do tipo de relação (apenas um participante em coabitação conjugal para sete casados). De acordo com Alarcão (2002), o tempo de namoro será a fase em que se vivem ilusões, como a de que se conhece bem o parceiro e que o casamento trará uma melhoria à relação; no entanto, as relações que não são assumidas socialmente parecem ser percebidas, pelos próprios parceiros e pela rede social, como muito próximas do namoro, o que poderá explicar a diferença evidenciada nesta amostra.

Na fase do namoro, no geral emerge apenas um consenso moderadamente relevante relativamente ao conhecimento mútuo, no grupo dos casados, e muito relevante quanto ao domínio do eu-tu<sup>24</sup> no grupo das relações longas: “A: *Porque acho que aí no namorar é individualidade de cada um. E-hum hum. A- Acho que ainda estamos naquela fase do conhecer, ainda há muito, ainda há esses tais vínculos que eu falava, ainda não foram solidificados.*” (9\_AB, 40, M, C14). Talvez a própria experiência e vivência de relações com vínculos mais firmados contribua, por um lado, para evidenciar a importância do conhecimento prévio dos parceiros, de modo a que as ilusões do namoro (Alarcão, 2002), uma vez desfeitas, não sejam um risco para a relação e para a identidade do casal; por outro, a extensão da temporalidade da relação pode, na sua dimensão pragmática, fortalecer a interdependência cognitiva dos elementos do casal e a inclusão do outro no *Self* (Agnew et al., 2008; Aron & Aron, 1997), evidenciando o contraste com a saliência do domínio do eu-tu da fase do namoro.

### ***Qualidades específicas da conjugalidade.***

A conjugalidade emerge como a fase da consolidação da IC (10): nas vozes dos participantes, parece ter a função de “dar corpo” e “melhoria do que já existia no namoro”; é o período em que o projecto e processo de construção do “nós” já iniciado

---

<sup>24</sup> Esta categoria designa a maior saliência da individualidade de cada elemento do casal na relação, por oposição ao domínio do “nós”.

se concretiza, com fronteiras mais claras face ao exterior e suas múltiplas influências (Alarcão, 2002).

Não se encontram grandes diferenças entre os vários grupos de participantes no reconhecimento do papel relevante da conjugalidade como consolidação da IC. Apenas o grupo das relações mais longas parece atribuir-lhe um papel moderadamente relevante, bem como às qualidades específicas da relação conjugal, nomeadamente, a vivência comum a tempo inteiro: *“Sim, sim, mas é diferente, o casamento muda tudo, não é? Realmente é o que tu estas a dizer 24 sobre 24 horas numa mesma casa, tudo é novo, não é (...) o casamento vai consolidar aquilo que tu já tinhas mais ou menos e vai dar corpo à tua acção, não é?”* (1\_RS, 38, F, C14).

### **Factores de protecção da Identidade Conjugal<sup>25</sup>**

Nesta amostra, os participantes identificaram diversas variáveis susceptíveis de constituírem factores de protecção na construção da IC. Estas foram sendo agrupadas em categorias sistémicas, progressivamente mais abrangentes, ainda que inter-relacionadas entre si (Bronfenbrenner, 1977).

#### **Variáveis protectoras conjugais**

Considerando as variáveis protectoras conjugais, um número muito relevante (20) dos participantes salientou a importância da auto-regulação relacional, isto é, os mecanismos autopoiéticos do sistema conjugal que, sendo vividos e agidos na experiência da vida conjugal, resultariam na construção e manutenção da IC. Dentro destes, são referidos em número relevante (13), os que pertencem à área dos vínculos afectivos, nomeadamente o amor e o compromisso, considerado na literatura como a “cola” que mantém o casal unido (Arriaga et al., 2007) face aos desafios. São mencionados em número moderadamente relevante (9 e 7, respectivamente) as áreas da Comunicação e do Sentido de “Nós”. Nesta última categoria, emerge como muito

---

<sup>25</sup> Os factores de protecção do processo de construção, desenvolvimento e manutenção da IC foram sobretudo explorados a partir das respostas às questões: “Quando é que na história de um casal, se pode falar em IC?” ou “Quais os principais factores que contribuem para a construção da IC?”; “Que «vozes» individuais, conjugais familiares, extra-familiares, influenciam a IC? O que dizem essas «vozes»?”; para a área das singularidades: “O que é que pode mostrar que um casal é único e diferente dos outros casais?” e “Enquanto casal, há coisas que vocês fazem que são vossas especiais, que mais ninguém faz?”; finalmente, para a influência dos filhos na IC: “Qual o papel dos filhos na IC?” ou “Considera que os filhos alteram a IC? Que alterações provocam (IC mais forte vs. mais fraca vs. diferente)?” ou “Em que é que ser pais influencia a identidade conjugal?”.

relevante, a valorização do “nós” pelos membros do casal: “A nível conjugal, gostamos da vida que temos, acho que tanto ele como eu gostamos... Temos prazer em viver juntos” (8\_MC, 42, F, CC5). Tal é congruente com a perspectiva de Agnew et al. (1998), ao referir que a interdependência cognitiva é uma característica das relações comprometidas.

A categoria referida por todos os participantes como protectora é a “área das singularidades” e respectivos indicadores idiossincráticos, na experiência dos casais. Apesar de constituírem idiossincrasias, os participantes reconhecem que possam ser comuns a muitos outros casais: “Único e diferente...podia ser único e igual aos outros casais, por um lado é único deles, mas é igual aos outros casais...” (20\_BD, 29, F, C3). As singularidades parecem relacionar-se com as demais variáveis de protecção da IC, num jogo circular de regulação mútua, visando a continuidade temporal da relação: “E isso tem mesmo uma influência na vossa identidade? Ou seja, o facto de continuarem a celebrar estes dias ao longo do tempo... T: (interrompe) E passear, andar de mãos dadas! E fazer projectos, projectos para a vida, para o futuro. Acho que um casal que tem projectos para o futuro, mesmo coisas pequeninas, é um casal que diz «Eu quero estar com essa pessoa, ainda tenho tanto para fazer com ela» ” (11\_TT, 39, F, CC22).

Os indicadores de singularidade que aparecem com frequência moderadamente relevante nesta amostra (10 e 8, respectivamente) são as dinâmicas relacionais específicas: “Portanto, a relação, a forma como se tratam, eu acho que faz com que sejamos diferentes, não é?” (10\_SA, 24,F,CC2) e a forma exclusiva de tratamento: “Eu chamo-lhe sempre amor, se estiver passada chamo-lhe J. Ele não chama. Ele costuma na brincadeira, volta e meia, chama-me pequena tartaruguinha.” (10\_SA, 24, F, CC2).

Enquanto singularidades, os rituais são referidos por um número muito relevante de fontes (17), tal como se verifica em vários estudos (Crespo et al., 2008; Farrell et al., 2014). Importa ressaltar a prevalência muito relevante (14) de rituais únicos em toda a amostra, a qual evidencia a concretização pragmática da natureza idiossincrática da IC dos participantes, permitindo que encontrem, na sua relação, uma dimensão temporal alargada, expressa simbólica e comportamentalmente (Farrell, et al., 2014). Essa natureza idiossincrática expressa a propriedade da equifinalidade dos sistemas (Watzlavick et al, 1997), pois de muitas acções concretas distintas obtemos o mesmo resultado protector.

Numa comparação dos dados obtidos por grupos, a categoria “Auto-regulação relacional” foi considerada muito relevante pela quase totalidade dos participantes

(entre 5 e 15). A área da comunicação, salientada como um pilar relacional (Määttä, & Uusiautti, 2013) e como expressão simbólica da vivência da relação (Baucom, Atkins, Eldridge, & Christensen, 2010), foi referida por um número relevante de participantes casados e do sexo feminino.

A área da confiança foi privilegiada pelos participantes casados e pelos que têm relações mais duradouras, embora, em ambos os casos, em número moderadamente relevante. Este dado parece congruente com Vinkers, Finkenauer, & Hawk, (2011), que enfatiza o papel da confiança nas relações, por permitir a percepção dos parceiros como previsíveis, confiáveis e motivados a permanecer como tal, e como mecanismo protector da relação nas situações em que há incerteza dos parceiros por percepção de partilha/revelação insuficientes.

Em toda a amostra, apenas os participantes em coabitação conjugal mencionaram, ainda que de forma moderadamente relevante, as áreas de objectivos e de suporte emocional. Talvez estas áreas sejam mais necessárias neste grupo para compensar a maior ambiguidade relacional e incerteza acerca dos objectivos de cada parceiro para a relação, devido ao compromisso menos nítido, e consequente activação emocional aumentada (Steuber, Priem, Scharp, & Thomas, 2014).

Nesta amostra, a “área dos vínculos afectivos” é valorizada de forma muito relevante pelos participantes em coabitação conjugal, pelos que têm relações curtas e pelas mulheres. Os casados e participantes em relações mais longas fazem-no de forma relevante. A componente mais valorizada nesta área é o amor, em número muito relevante no grupo dos casados (5) e nas relações mais recentes (7); segue-se-lhe o compromisso, referido por um número relevante de participantes casados (4) e em coabitação conjugal (3), bem como pelas participantes do sexo feminino (7). O compromisso é mencionado por um número muito relevante (3) de participantes em relações mais longas. Sendo o compromisso conceptualizado como uma experiência psicológica composta pela motivação em persistir na relação, pela orientação para o futuro e pelo vínculo psicológico, espera-se que tenha um papel protector na IC e que seja auto-gerado pela própria experiência relacional (Agnew et al., 1998), seja qual for o grau de vínculo existente, num mecanismo autopoiético de manutenção relacional.

Analisando os dados por grupos de participantes, o grupo dos coabitantes é o único em que foi referida a área do poder com expressão moderadamente relevante enquanto factor protector: *“Ouvirmos, reflectirmos e fazermos nós a nossa análise. Irmos à nossa identidade, à nossa vivência, ao nosso nós e tomar decisões”* (19\_MD,

34, M, CC3). O mesmo grupo referiu de forma relevante a área do “Sentido de Nós” e de forma muito relevante o factor “valorização do Nós”, tal como os grupos de participantes em relações mais breves, e as mulheres.

Relativamente às singularidades e seus indicadores, são consideradas protectoras por todos os grupos da amostra e são as únicas áreas da “Auto-regulação relacional” salientadas por todos (8) os participantes masculinos. Tal parece indiciar, nesse grupo, uma auto-regulação relacional mais dinâmica e activa, operacionalizada comportamentalmente, fazendo talvez jus ao estereótipo do homem actuante e menos sentimental. No que se refere a indicadores idiossincráticos, o grupo dos casados é o único em que um número moderadamente relevante de participantes menciona as “frases-conversas exclusivas” como factor protector, talvez reforçando a exclusividade do domínio conjugal e a rigidez das suas fronteiras com o exterior, enquanto o grupo dos coabitantes é o único a referir o diálogo.

Dentro das singularidades, um número muito relevante de participantes em todos os grupos destaca o papel dos rituais como factor de protecção da IC. Destes, são evidenciados por todos os grupos, com expressão entre moderadamente relevante e relevante, os momentos exclusivos do casal: *“Mas estarmos um bocadinho, nem que seja no sofá a ver TV sem fazer nada. Pronto. Estarmos ali aquele bocadinho. Só nós.”* (10\_SA, 24, F, CC2). O grupo dos participantes em coabitação conjugal é o único em que se refere a comemoração do aniversário da relação com expressão moderadamente relevante. Apesar de as actividades referidas por este grupo não serem interacções padronizadas, são certamente uma forma de proteger a IC, pois conferem significado às experiências conjuntas e celebram a relação (Campbell et al., 2011). A saliência do papel feminino no planeamento e execução dos rituais enquanto estratégias de manutenção da relação (Crespo et al., 2008) não emerge nesta amostra, dado que ambos os sexos valorizam os rituais de forma muito relevante.

### **Variáveis protectoras extra-conjugais.**

Os participantes de todos os grupos reconhecem em número muito relevante a existência de factores “protectores extra-conjugais” da IC.

### **Variáveis protectoras individuais.**

Os factores de ordem individual têm expressão relevante em todos os grupos e, nestes, de modo muito relevante as características de personalidade: *“As qualidades são*

*todas protectoras, pelo menos o que cada um tem de bom*” (10\_SA, 24, F, CC2). Estes dados são congruentes com o estudo de Kosowsky et al. (2012), que identificou as dimensões de personalidade com maior impacto ao nível da satisfação conjugal e salientou o papel da gestão das diferenças de personalidade dos parceiros nas relações bem-sucedidas. As crenças são referidas com expressão moderadamente relevante pelas mulheres, pelo grupo das relações mais recentes e pelo grupo de participantes em coabitação conjugal, o qual é o único a mencionar os modelos interiorizados provenientes da família de origem. As crenças podem ir sendo construídas com base nas experiências relacionais do casal, devidamente alimentadas pelas memórias que delas resultam, as quais podem contribuir para a satisfação conjugal (Alea & Vick, 2010).

### ***Variáveis protectoras familiares.***

Os “protectores familiares” emergem como factores de protecção da IC muito relevantes (entre 6 e 14), salientando-se unanimemente o papel dos filhos como fortalecimento da construção da IC. Tal parece congruente com o princípio simbólico e organizacional de Cigoli e Scabini (2006), no seu modelo de Identidade Familiar, já que os filhos vêm entretecer de forma mais sólida os laços do casal: *“Quando o casal está bem, os filhos se calhar vêm fortalecer e vêm... Sim, fortalecer essa identidade.”* (17\_SD, 30, F, CC3). Alguns grupos indicam, de forma moderadamente relevante, que do nascimento dos filhos emerge a necessidade de lhes atribuir um espaço na família, e a necessidade de mais diálogo, bem como novos propósitos para os casais, o que pode ter um efeito protector da IC: *“Eu acho que os filhos ajudam mais a fortalecer a IC do que a diminuir porque é um ponto de preocupação mútua, em que ambos querem o melhor para ele, é um factor de atenção comum, de preocupação comum”* (8\_MC, 42, F, CC5). Apenas o grupo dos homens refere com expressão relevante a responsabilidade da existência dos filhos como um factor de protecção: *“P: Papel dos filhos? Os filhos todos os dias lançam desafios para a nossa identidade conjugal. Os filhos são uma responsabilidade, está na forma como os educamos, como estamos com eles, de que forma o nosso tempo é ocupado com eles e passam a ter uma importância gigantesca, que automaticamente é uma pessoa que se acrescenta à identidade conjugal. Passa a fazer parte da decisão, surge novamente à frente de todas as decisões do casal.”* (PD\_21, 30, M, C3). Tal constitui uma aprendizagem da vivência diádica na presença

dos filhos, uma nova auto-regulação dos dois sub-sistemas em presença, o parental e o conjugal (Alarcão, 2002).

### ***Variáveis protectoras extra-familiares.***

Nos “protectores extra-familiares”, as famílias de origem são referidas com expressão muito relevante por todos os grupos de participantes: *“Portanto quero com isto dizer que a minha mãe às vezes é um factor muito protector. T- Sim. E- Acaba também por ser uma bussolazinha de orientação? S- Sim, sim.”* (10\_SA, 24, F, CC2); *“Eu fui muito acarinhada na família do N. quando entrei... o pai do N. recebeu-me com muito carinho...”* (5\_NI, 43, F, C21). Como vimos, as reacções favoráveis e aprovação da relação pelas famílias de origem, bem como o seu suporte, constituem factores de estímulo à estabilidade das relações (Felmlee, 2001). Também os padrões de relacionamento familiares estáveis e satisfatórios, enquanto herança intergeracional organizadora das interacções do novo casal, podem desempenhar funções protectoras na sua relação (Sassler, Cunningham, & Lichter, 2009). Os amigos são igualmente indicados por um número que oscila entre moderadamente relevante e muito relevante em todos os grupos: *“As vozes dos amigos, sim. Quando nós procuramos e fazemos confidências, os amigos dão-nos opinião e isso também pode alterar a nossa identidade conjugal.”* (20\_BD, 29, F, C3). De facto, a aprovação directa ou indirecta da relação por pessoas significativas, como a rede de amigos, pode ser protectora da IC, na medida em que lhe pode fornecer suporte e encorajamento face às dificuldades (Julien, Chartrand, & Bégin, 1999; Felmlee, 2011). Por outro lado, ao percepcionar socialmente a díade como um casal, definindo-a como tal, evidencia a IC perante o próprio casal e o seu contexto. Assim, a 3.<sup>a</sup> entidade, o nós-“we” que tem a sua própria existência na díade, ganha significado também enquanto extensão social da identidade do casal, como o nós-“us” que é reconhecido pela sua rede, numa articulação contínua e circular entre as duas visões.

## Factores de Vulnerabilidade para a Identidade Conjugal<sup>26</sup>

Nesta amostra, os participantes identificaram diversas variáveis susceptíveis de constituírem factores de vulnerabilidade ou barreiras na construção da IC. Estas foram sendo agrupadas em categorias sistémicas, à semelhança do que já expusemos para o objectivo anterior.

### Variáveis conjugais de vulnerabilidade.

Todos os participantes referiram variáveis conjugais que podem assumir o papel de barreira na construção da IC. Destas, as que mais foram sublinhadas pelos participantes pertencem à categoria “Auto-regulação deficitária” (19). Nesta categoria, a “Área da Confiança” é referida de forma muito relevante (16), a “Área da Diferenciação do Self” é-o de forma relevante (13) e, ainda, a “Área da Qualidade da Comunicação e Conflito” com expressão moderadamente relevante (8). Relativamente à “Área da Confiança”, a infidelidade constitui a barreira mencionada de forma muito relevante: *“Acha que há problemas que são incompatíveis com a construção da IC? E: Acho. A: Pode-me dar um... E: O adultério... a traição...”* (6\_EL, 68, F, C42), seguida da mentira: *“Por mais forte que a gente esteja, uma mentira pode abalar tudo. Ia significar que tudo isso era uma ilusão”* (11\_TT, 39, F, UF22) e da desconfiança: *“O que é que pode comprometer?... Há alguns factores que poderão eventualmente comprometer. (...) Partindo do princípio de que as pessoas também estão sempre em constante mudança, uma, um, uma das coisas que pode comprometer, pode realmente comprometer qualquer identidade, a desconfiança.”* (2\_PL, 48, F, C25). Na “Área da Diferenciação do Self”, os participantes valorizaram de forma relevante a ausência de respeito: *“É tudo o contrário disso, é o não aceitar o outro como ele é, é o não haver respeito”* (17\_SD, 30, F, CC3) e de forma moderadamente relevante a dominância do “Eu” sobre o “Nós”: *“Perde-se a essência da identidade, perde-se o nós. Passa a haver só o eu e o tu, quando não acontece só ficar o tu ou ficar o eu, e aí o outro simplesmente dominar.”* (19\_MD, 34, M, CC3).

---

<sup>26</sup> Os factores de vulnerabilidade do processo de construção, desenvolvimento e manutenção da IC foram sobretudo explorados a partir das respostas às questões: “Que factores podem comprometer a IC?” “(Apesar de todos os casais terem problemas) há problemas incompatíveis com a construção da identidade conjugal? Há problemas destrutivos? Quais? Porquê?”; “Que «vozes» individuais, conjugais familiares, extra-familiares, influenciam a IC? O que dizem essas «vozes»?”; finalmente, para a influência dos filhos na IC: “Qual o papel dos filhos na IC?” ou “Considera que os filhos alteram a IC? Que alterações provocam (IC mais forte vs. mais fraca vs. diferente)?” ou “Em que é que ser pais influencia a identidade conjugal?”.



Analisando os dados por grupos de participantes, todos reconhecem em número muito relevante (entre 6 e 15) a existência de “barreiras conjugais” à IC. A categoria “Auto-regulação relacional deficitária”, tal como a categoria “Área da Confiança”, são referidas como obstáculos ao processo de construção e desenvolvimento da IC com expressão muito relevante nesta amostra (entre 5 e 11), independentemente dos grupos. Na “Área da Confiança”, a desconfiança é mencionada transversalmente de forma moderadamente relevante pelos grupos de participantes, excepto os de sexo masculino. Desta área, são referidas em número muito relevante, a infidelidade, para os casados e relações mais recentes, e em número relevante, pelas mulheres, bem como por participantes em relações mais duradouras: *“E- E acha... Portanto, a traição destruiria a qualquer ponto, ou seja, na construção, quando já está mais estabelecida uma identidade conjugal. I- Sim... Eu sim. Sim. Sem dúvida nenhuma. E- Hum hum. I- Não iria ser capaz de confiar mais nessa pessoa. E- Hum hum. I- Não iria.”* (18\_LD, 29, F, C3). De facto, a infidelidade é reconhecida como uma das experiências mais nocivas na relação diádica (Parker, Berger, & Campbell, 2010), sendo uma das principais causas de divórcio (Mark, Janssen, & Milhausen, 2011), na medida em que constitui uma quebra da exclusividade da relação e que evidencia a intrusão de terceiros na unidade diádica. Os participantes com relações mais longas, bem como as mulheres, valorizam de forma muito relevante a mentira enquanto factor de vulnerabilidade para a IC. O grupo de coabitantes é o único que refere como moderadamente relevantes todas as barreiras já referidas, talvez porque a transição para a coabitação pode ocorrer num “deslizamento” ao longo do tempo, sem que tenha sido precedida de uma decisão clara. Nestes casos, poderá haver um compromisso mais frágil ou uma dedicação mais difusa à relação, tornando estes factores menos lesivos na percepção dos participantes (Owen, Rhoades, & Stanley, 2013).

Os grupos de participantes casados e em coabitação conjugal são os que referem de forma moderadamente relevante e muito relevante, respectivamente, a “Área da Diferenciação do Self”. Os participantes em coabitação conjugal valorizam de modo muito relevante a ausência de respeito e a incompatibilidade das diferenças no casal: *“Já não havia compatibilidade entre nós os dois. E tornou-se destrutivo. Porque eu tentava levar a vida para a frente e construir alguma coisa e ele pelo outro lado vinha e destruí”* (12\_AS, 39, F, CC6), enquanto um número relevante de casados indica a ausência de respeito e a dominância do Eu sobre o Nós. Esta evidencia a separação entre os parceiros nas respectivas representações mentais, podendo conduzir a

comportamentos promotores do bem-estar individual, ao invés de comportamentos cooperativos e que visem a manutenção da relação e o bem comum (Agnew et al., 1998). A “Área da Qualidade da Comunicação e Conflito” emerge também com expressão moderadamente relevante em todos os grupos, excepto no dos participantes do sexo masculino. Curiosamente, esse é o único grupo que dá expressão relevante à “Área dos Vínculos Afectivos” como barreira na construção da IC: *“Deve ser um drama, mas eu imagino, seja homem ou mulher, acordar... Olhar para o seu marido ou para o seu companheiro e dizer... Opá, não suporto isto... Portanto, vamos para... Se para uma relação é preciso amor, aqui é a falta de amor”* (7\_ML, 67, M, C42).

### **Variáveis extra-conjugais de vulnerabilidade.**

Os participantes de todos os grupos reconhecem em número muito relevante a existência de “barreiras extra-conjugais” e de factores de vulnerabilidade individuais para o desenvolvimento da IC.

### ***Variáveis familiares de vulnerabilidade da Identidade Conjugal.***

Quanto às primeiras, a categoria “Factores Familiares - Filhos” emerge numa expressão muito relevante por todos os grupos da amostra (de 5 a 11), excepto pelo dos participantes em coabitação conjugal, no qual são relevantes (6): *“São mais razões para brigar, são mais razões para quebrar a tal linha.”* (11\_TT, 39, F, CC22); *“há um afastamento do casal, de ambos como casal... Deixam de ser dois e passam a ser três ou até quatro, as atenções não são só entre o casal, um e outro, passam a dispersar o tempo e a atenção com outras pessoas, neste caso os filhos”* (8\_MC, 42, F, CC5). Os participantes reconhecem, portanto, a dificuldade de “alimentar o nós do casal e o eu de cada um deles”, ao mesmo tempo que “têm de fazer crescer os filhos, socializando-os e possibilitando-lhes a construção de uma identidade própria” (Alarcão, 2002, p.133).

### ***Variáveis individuais de vulnerabilidade da Identidade Conjugal.***

Quanto aos factores individuais, a personalidade emerge na maior parte dos grupos como possível barreira para um número muito relevante de participantes (entre 5 e 9): *“Se há problemas? Depende da personalidade das pessoas, se as pessoas não forem fáceis de moldar é difícil.”* (15\_FS, 28, M, C2). O grupo dos que mantêm a sua

relação há mais de 10 anos refere a personalidade em número relevante (4). Estes resultados são congruentes com o trabalho de Barelds & Barelds-Dijkstra (2006), na medida em que se reconhece a influência das características da personalidade de cada um dos elementos da díade na relação conjugal. Para além disso, a menor relevância reconhecida no grupo das relações duradouras poderá estar relacionada com uma maior aceitação mútua das características estáveis de cada parceiro como estratégia para manter a relação, ou com uma maior interdependência cognitiva (Agnew et al, 1998) ou inclusão do outro no Self (Aron & Aron, 1997).

### ***Variáveis extra-familiares de vulnerabilidade da Identidade Conjugal.***

Relativamente aos sistemas extra-familiares, foram mencionados por um número muito relevante de participantes de todos os grupos, excepto o das relações mais duradouras.

#### ***Família de Origem.***

Em todos os grupos, sem excepção, foi dada expressão muito relevante à família de origem enquanto factor de vulnerabilidade. No grupo dos casados e no grupo dos participantes com relações mais duradouras, foram salientadas as fronteiras difusas com a família de origem: “*E o que é que pode comprometer a identidade conjugal? Quais são os factores? P: Ahhh, a família e os seus pontos de vistas da família e amigos, às vezes comprometem com desafios ou discussões.*” (21\_PD, 30, M, C3); “*A família é bom não se intrometer muito... Acho que nós como pais não devemos... Devemos estar aqui para o que for preciso, mas não devemos ser nós a querer comandar a vida dos filhos...*” (6\_EL, 68, F, C42). O mesmo aconteceu de forma relevante nos dois grupos por sexo. Neste caso, as vozes dos participantes parecem evidenciar a influência desestabilizadora da família de origem, não tanto pela desaprovação da ligação do casal, mas sobretudo pela teia de lealdades e coalisões que pode competir com a lealdade para com o parceiro e a relação (Felmlee, 2011). Alarcão (2002) refere estas lealdades invisíveis e coligações negadas como fontes de fragilidade na imposição dos limites que são necessários ao desenvolvimento da identidade do novo casal face às famílias de origem. Os grupos de coabitantes e de relações mais recentes só de forma moderadamente relevante referem esta categoria, o que poderá dever-se, por um lado, a um vínculo relacional mais frágil que conduza a um menor reconhecimento social da

relação; por outro lado, no caso das relações mais recentes, é possível que estas estejam ainda numa fase de maior fechamento ao exterior, numa fase do processo de edificação relacional com fronteiras mais rígidas, buscando a sua identidade própria (Alarcão, 2002).

#### *Amigos.*

Os amigos são apontados como um factor de vulnerabilidade muito relevante pelo grupo dos casados, moderadamente relevante pelo grupo dos participantes em coabitação conjugal e relevante por todos os outros grupos. Estes podem exercer a sua influência nociva através, por exemplo, de intromissões na esfera privada do casal ou, segundo Felmlee (2001), pela cedência de conselhos e suporte que venham a ter impacto no relacionamento da díade e na sua estabilidade: *“As vozes dos amigos, sim. Quando nós procuramos e fazemos confidências, os amigos dão-nos opinião e isso também pode alterar a nossa identidade conjugal. E - Humhum. B - Se eu tiver algum problema, vem alguém ajudar-me (...) Se por outro lado a voz me disser «olha, tem cuidado, vê lá, isso já está a exagerar» eu, se calhar, vou ter tendência a alimentar mais o conflito.”* (20\_BD, 29, F, C3); podem também efectuar uma sabotagem propositada da relação do casal: *“Inventar ou levantar falsos testemunhos ou do tipo... (...) Aquela pessoa que nunca deixou de amar aquela pessoa e que faz de tudo para os separar, inclusive se até a pessoa é amiga (...) Eu acredito que há pessoas que façam esse tipo de coisas, de separarem os casais.”* (18\_LD, 29, F, C3). Em qualquer dos casos, o casal é afectado pelo insuficiente fechamento das suas fronteiras às influências externas (Alarcão, 2002) ou pela dificuldade em auto-organizar o seu sistema face ao nível de desordem que estas lhe trazem.

#### *Trabalho.*

Por último, no grupo das relações mais longas, há um número muito relevante de fontes que menciona o trabalho como uma barreira para a IC: *“Ok, então é um factor que de facto pode ter uma grande influência... E: Pode. A: É o que tira as pessoas de casa, não é, e... E: E que hoje está-se a fazer isso, um casal em que os dois sejam professores, um está no Minho, outro está no Algarve, ao que é que isso leva?”* (6\_EL, 68, F, C42). Este só não é mencionado pelo grupo dos participantes em coabitação conjugal e pelo das relações mais recentes. Talvez, pela natureza socialmente mais

precária dos seus vínculos ou pelo menor tempo de relação, os participantes nestes grupos estejam mais focados nas suas carreiras, valorizando a sua individualidade profissional e os seus objectivos a este nível.

Em suma, após a análise dos dados e reflexões subsequentes, a identidade conjugal emerge como uma construção progressiva ao longo do tempo de relação, com o amor e o compromisso entre os parceiros como pedra basilar. Neste processo, a influência de factores ecossistémicos podem constituir uma protecção ou um risco para a manutenção da identidade conjugal e da própria relação. Foi, portanto, evidenciado o carácter sistémico do constructo e sua intrínseca relação com a temporalidade da relação de casal.

### **Reflexões Finais**

Foi nosso propósito, com este estudo, contribuir para uma conceptualização sistémica da identidade conjugal, através de uma exploração empírica e de uma abordagem qualitativa, visando uma melhor compreensão das suas funções, das suas propriedades, dos processos que conduzem à sua construção, desenvolvimento e manutenção e dos factores que, trazendo alterações, perturbações e desordem ao sistema, podem torná-lo vulnerável e frágil ou, pelo contrário, reorganizá-lo para que se adapte, fortalecendo-o. De seguida, apresentamos uma reflexão final e uma hipótese de resposta aos propósitos definidos, as limitações do estudo, bem como possíveis contributos e implicações.

#### **Uma hipótese sistémica do processo de construção, desenvolvimento e manutenção da Identidade Conjugal**

Numa articulação crítica dos dados apresentados, podemos dizer que a Identidade Conjugal parece cumprir as funções de âncora, bússola e motor da relação conjugal e seus elementos. Todo este processo decorre num substrato temporal, inerente ao funcionamento dos sistemas humanos, e muito especialmente à noção de identidade, a qual concerne à aparente paradoxalidade de mudar e permanecer inalterado ao longo do tempo (Lichtwarck-Aschoff et al., 2008). Partindo do amor, pré-requisito que emerge como elemento aglutinador das emoções positivas acerca do outro e da relação, e

também como ponto nodal, base de suporte a toda a construção subsequente, o processo de formação realiza-se de modo progressivo e inicia-se na fase de namoro. Este funciona como um impulso à construção da identidade conjugal, através do conhecimento mútuo, da descoberta, havendo, ainda, um claro domínio do Eu/Tu. O compromisso, outro dos pré-requisitos que foi identificado, funciona como a “cola” que mantém o processo (Arriaga et al., 2007), permitindo que o grande investimento feito pelos elementos do casal culmine numa relação de conjugalidade.

Chegados a esse novo estatuto relacional, mais (ou menos) firme e socialmente valorizado, a identidade conjugal é mantida e consolidada pela auto-organização do sistema que ela é, enquanto totalidade, e das partes que a constituem, das quais é indissociável. Neste sentido, fica evidenciada a propriedade sistémica da globalidade (Watzlavick et al, 1997), já que emerge como um todo uno e coeso, que, constituído por partes, é distinto da sua soma e infinitamente mais complexo na sua organização. A identidade conjugal mantém-se ou desenvolve-se, pois, com maior ou menor contributo de cada uma das suas partes, e dos factores que lhe estão intrinsecamente associados. Neste facto, verificamos a propriedade da equifinalidade deste sistema, uma vez que o construto proposto emana de condições iniciais completamente distintas. Desde logo, os elementos que a constituem e as condicionantes que lhe estão associadas, os quais são/trazem consigo outros factores com impacto no resultado final. Todos eles se inter-organizam de acordo com os parâmetros de funcionamento daquele sistema particular, conduzindo à expressão única e singular da identidade do casal. Aí temos, também, a multifinalidade deste sistema: o mesmo construto resulta em múltiplas concretizações, todas da mesma natureza identitária, mas cada uma delas única. Cada identidade conjugal reage de sua forma aos diversos factores de influência que a podem perturbar, mas tratando-se de um sistema autopoietico, auto-organiza-se e re-cria-se em função das perturbações do meio e da tentativa de as compensar (Maturana & Varela, 1994). Os factores de perturbação (entenda-se, alteração) das condições de funcionamento do sistema existentes no seu meio são ecossistémicos. Tal significa que provêm de estruturas aninhadas umas nas outras em níveis sucessivos que, partindo do nível máximo de proximidade ao indivíduo (microsistema), se vão alargando, incluindo as inter-relações deste com as pessoas e ambientes mais próximos (mesossistema), com as estruturas mais formais e distais a que o indivíduo não pertence mas que indirectamente o afectam (exossistema) e com o contexto cultural, político, histórico e social em que cada um dos anteriores se integra: o macrosistema (Bronfenbrenner, 1977). Nestes

níveis, encontramos os factores de protecção da identidade conjugal que emergiram deste estudo: a nível individual, a personalidade e características pessoais; a nível conjugal, foram apontados os factores mais relevantes: a auto-regulação emocional do casal, a comunicação e a valorização do sentido de “nós”, as suas singularidades e rituais próprios, marcas distintivas deste “nós” único; a nível familiar, o papel fundamental dos filhos no fortalecimento da identidade conjugal; a nível extrafamiliar, o papel coadjuvante da família de origem e dos amigos como fonte de suporte e apoio ao casal neste processo. No entanto, os mesmos elementos que constituem factores de protecção podem tornar-se factores de vulnerabilidade e são, na sua maioria, percebidos como tal, numa lógica de bipolaridade positiva/negativa. A nível individual, as características de personalidade podem constituir-se como riscos para a relação e para a identidade conjugal; a nível conjugal, a auto-regulação deficitária pode ser materializada em problemas na área da confiança, conduzindo a quebras do compromisso e dos vínculos mais profundos que estão imbuídos na identidade conjugal, nomeadamente através da infidelidade. Do mesmo modo, o sentido de “nós” pode ir-se esfumando numa hiper-diferenciação conjugal, evidenciando-se as individualidades do sistema em detrimento do todo, e a comunicação pode ser uma expressão do nível de conflito do casal, gerando interacções negativas incrementais e corrosivas da identidade conjugal. Todos estes factores, neste extremo do eixo, podem ser resumidos como uma falta de vínculos afectivos, da base relacional do casal. Também os filhos, pelo enorme desafio que constitui a articulação dos subsistemas conjugal e parental, podem funcionar como um enfraquecimento da identidade conjugal, ou como um factor que expõe fragilidades pré-existentes. A nível extrafamiliar, a família de origem e os amigos podem contribuir para as vulnerabilidades da identidade conjugal do casal, por exigências de lealdade e por intromissões neste espaço que se deseja exclusivo dos membros do casal. Finalmente, o trabalho pode constituir uma barreira para a construção e manutenção da identidade conjugal, pois pode fazer exigências ao sistema que não são compatíveis com o processo que descrevemos.

A identidade conjugal, enquanto todo que emerge da interacção entre as partes (unidade diádica que decorre de um Eu e Tu em relação) e desta com o sentido de nós progressivamente mais fortalecido, sendo, ainda, afectado por outros factores mais proximais ou distais, é, pois, à semelhança da identidade individual, um processo e uma entidade, uma articulação dialéctica de estabilidade e mudança (Erickson, 1968), um

sistema auto-organizado, num constante movimento de adaptação e construção, numa temporalidade que lhe é intrínseca (Lichtwarck-Aschoff et al., 2008).

Creemos que o presente estudo terá várias limitações. Desde logo, a nível da amostra que recolhemos, reconhecemos que a sua dimensão é reduzida e sem homogeneidade a nível das características demográficas, particularmente a nível dos sub-grupos etários a partir dos 31 anos e dos sub-grupos organizados por sexo e tempo de relação. A nível da idade dos participantes, existe uma clara prevalência de indivíduos até aos trinta anos sobre os restantes, e nenhum dos participantes se encontra na faixa etária dos 51-60 anos, deixando-nos sem narrativas de uma fase específica do ciclo vital da família, na qual os desafios da adolescência e início da adultez dos filhos, a sua autonomização e saída de casa – a etapa do ninho vazio (Alarcão, 2002), bem como a preparação para a reforma profissional dos parceiros e a necessidade crescente de suporte à geração anterior, poderão trazer perturbações que desequilibrem a identidade conjugal. Também o facto destes participantes se disporem a partilhar connosco as suas histórias mais íntimas e significativas indicia que deverão estar relativamente pacificados com a sua vivência conjugal, excluindo das narrativas iniciais as “vozes” de identidades conjugais frágeis ou destruídas. Por outro lado, a subjectividade do processo de codificação e análise dos dados poderá conduzir a possíveis enviesamentos nas escolhas da arrumação da informação, o que terá impacto nos resultados.

Esta conceptualização da identidade conjugal como a entidade que encerra em si a complexidade da relação conjugal traz inúmeras implicações metodológicas e clínicas. De forma a alargar o nosso conhecimento, seria vantajoso estudar o construto com amostras de outras dimensões e características, noutras metodologias, especialmente longitudinais, tentando recolher as narrativas dos participantes em momentos chave do ciclo vital da família, tentando apreender as alterações que emergem da temporalidade, propriedade intrínseca ao construto. Por outro lado, uma investigação mais vasta acerca dos processos de fragilização da identidade conjugal, através da análise das narrativas de indivíduos que tivessem vivenciado situações de separação conjugal ou divórcio, poderia trazer-nos uma compreensão mais alargada do alcance da identidade conjugal na conjugalidade. Seria igualmente vantajoso para este alargamento o estudo de casais com características específicas, como casais homossexuais, os que vivenciam relações de longa duração e sem filhos, casais inférteis e casais multiculturais, cada um deles



com os seus desafios identitários próprios e talvez componentes específicos neste processo. Tal poderia ser útil para nos fornecer pistas preciosas para o trabalho de intervenção com casais: numa perspectiva preventiva, para o desenvolvimento de estratégias facilitadoras da criação da identidade conjugal, através, por exemplo, da melhoria da auto-regulação relacional e do estabelecimento de regras de (meta-)comunicação (Alarcão, 2002); por outro lado, numa perspectiva terapêutica, a recriação de uma nova identidade conjugal, potenciadora de novas memórias e narrativas, poderia ser tentada com recurso às propriedades sistémicas da identidade, como a temporalidade e a equifinalidade, na construção de uma história de novos contornos, e à progressiva transformação da diferenciação do *Self* em narrativas comuns, co-construídas entre os parceiros, facilitadas pelo processo terapêutico e enriquecidas pelo sentido de “nós” (Reid et al. 2006).

## Referências

- Acitelli, L. K. (2001). Maintaining and enhancing a relationship by attending to it. In J. Harvey, A. Wenzel (Eds.), *Close romantic relationships: Maintenance and enhancement* (pp. 153-167). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Acitelli, L. K. (2002). Relationship awareness: Crossing the bridge between cognition and communication. *Communication Theory*, 12(1), 92-112. doi:10.1111/j.1468-2885.2002.tb00261.x
- Acitelli, L. K., & Badr, H. J. (2005). My illness or our illness? Attending to the relationship when one partner is ill. In T. A. Revenson, K. Kayser, G. Bodenmann (Eds.), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (pp. 121-136). American Psychological Association. doi:10.1037/11031-006
- Acitelli, L. K., Rogers, S., & Knee, C. (1999). The role of identity in the link between relationship thinking and relationship satisfaction. *Journal of Social & Personal Relationships*, 16(5), 591-618.
- Agnew, C. R., Arriaga, X. B., & Wilson, J. E. (2008). Committed to what? Using the Bases of Relational Commitment Model to understand continuity and change in social relationships. Em J. P. J. P. Forgas, *Social relationships: Cognitive, affective, and motivational processes* (pp. 147-164). New York, US: Psychology Press.
- Agnew, C. R., Van Lange, P. M., Rusbult, C. E., & Langston, C. A. (1998). Cognitive interdependence: commitment and the mental representation of close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 939-954. doi:10.1037/0022-3514.74.4.939
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares - Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alea, N., & Vick, S. C. (2010). The first sight of love: Relationship-defining memories and marital satisfaction across adulthood. *Memory*, 18(7), 730-742. doi:10.1080/09658211.2010.506443

- Amato, P. R., & Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the Life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602-626. doi:10.1177/0192513X03024005002
- Andolfi, M. (1981). *A terapia familiar*. Lisboa: Editorial Vega.
- Aron, A., & Aron, E. N. (1997). Self-expansion motivation and including other in the Self. In S. Duck (Ed.). *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (2nd ed.) (pp. 251-270). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Aron, A., & Westbay, L (1996). Dimensions of the prototype of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 535-551.
- Aron, A., Aron, E. N., Tudor, M., & Nelson, G. (1991). Close relationships as including other in the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 241-253.
- Aron, A., Mashek, D., McLaughlin-Volpe, T., Wright, S., Lewandowski, G., & Aron, E. N. (2005). Including close others in the cognitive structure of the self. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 206-232). New York, NY, US: Guilford Press
- Aron, A., Norman, C. C., Aron, E. N., McKenna, C., & Heyman, R. E. (2000). Couples' shared participation in novel and arousing activities and experienced relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 273.
- Aron, A., Paris, M., & Aron, E. N. (1995). Falling in love: Prospective studies of self-concept change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(6), 1102-1112. doi:10.1037/0022-3514.69.6.1102
- Aron, A., Steele, J., Kashdan, T., & Perez, M. (2006). When similars do not attract: Tests of a prediction from the self-expansion model. *Personal Relationships*, 13(4), 387-396. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00125.x

- Arriaga, X. B., Slaughterbeck, E. S., Capezza, N. M., & Hmurovic, J. L. (2007). From bad to worse: Relationship commitment and vulnerability to partner imperfections. *Personal Relationships*, 14, 389–409. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00162.x
- Badr, H., Acitelli, L. K., & Taylor, C. (2007). Does couple identity mediate the stress experienced by caregiving spouses? *Psychology & Health*, 22(2), 211-229.
- Barelds, D. H., & Barelds-Dijkstra, P. (2006). Partner personality in distressed relationships. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 13(6), 392-396. doi:10.1002/cpp.509
- Barelds, D.P.H. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal of Personality*, 19(6), 501–518.
- Bateson, G. (1980). *Mind and nature: a necessary unity*. Great Britain: Fontana.
- Baucom, D. C., Atkins, M. S., Eldridge, K. A., & Christensen, A. (2010). “You” and “I” need to talk about “us”: Linguistic patterns in marital interaction. *Personal Relationships*, 17(1), 41–56. doi: 10.1111=j.1475-6811.2010.01251.x
- Baxter, L. A. (2004). Relationships as dialogues. *Personal Relationships*, 11(1), 1-22. doi:10.1111/j.1475-6811.2004.00068.x
- Branquinho, A., Narciso, I., & Crespo, C. (2013). *Reflections on couple identity: A relevant and fertile conceptual land yet underexplored*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Branscombe, N. R., Schmitt, M. T., & Harvey, R. D. (1999). Perceiving pervasive discrimination among African Americans: Implications for group identification and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(1), 135-149. doi:10.1037/0022-3514.77.1.135

- Brewer, M. B., & Gardner, W. (1996). Who is this "we"? Level of collective Identity and Self Representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 83-93.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32(7), 513.
- Buckley, W. (1971). *A sociologia e a moderna teoria dos sistemas*. São Paulo: Cultrix.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois: le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.
- Campbell, K., Silva, L. C., & Wright, D. W. (2011). Rituals in unmarried couple relationships: An exploratory study. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 40(1), 45-57. doi:10.1111/j.1552-3934.2011.02087.x
- Chen, S., Boucher, H. C., & Tapias, M. P. (2006). The relational self revealed: Integrative conceptualization of the implications and interpersonal life. *Psychological Bulletin*, 132(2), 151–179.
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family identity: Ties, symbols and transitions*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Clements, R., & Swensen, C. H. (2000). Commitment to one's spouse as a predictor of marital quality among older couples. *Current Psychology*, 19(2), 110.
- Côté, J. E., & Levine, C. G. (2002). *Identity formation, agency, and culture: A social psychological synthesis*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Coy, J., & Miller, M. (2014). Intimate partners who struggle with formal commitments: Attachment styles, major challenges, and clinical implications. *American Journal of Family Therapy*, 42(3), 232-242. doi:10.1080/01926187.2013.808138
- Crespo, C., Narciso-Davide, I., Costa, M., & Fletcher, G. O. (2008). Family rituals in married couples: Links with attachment, relationship quality, and closeness. *Personal Relationships*, 15(2), 191-203. doi:10.1111/j.1475-6811.2008.00193.x
- Crockett, E. E., & Neff, L. A. (2013). When receiving help hurts: Gender differences in diurnal cortisol responses to spousal support. *Social Psychological and Personality Science*, 4(2), 190-197. doi:10.1177/1948550612451621
- Cropley, C. J., & Reid, S. A. (2008). A latent variable analysis of couple closeness, attributions, and relational satisfaction. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16, 364-374.
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dennison, R., Koerner, S., & Segrin, C. (2014). A dyadic examination of family-of-origin influence on newlyweds' marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 28(3), 429-435. doi:10.1037/a0036807
- Epp, A. M., & Price, L. L. (2008). Family identity: A framework of identity interplay in consumption practices. *Journal Of Consumer Research*, 35(1), 50-70.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. New York: Norton.
- Farrell, L. C., DiTunnariello, N., & Pearson, J. C. (2014). Exploring relational cultures: Rituals, privacy disclosure, and relational satisfaction. *Communication Studies*, 65(3), 314-329. doi:10.1080/10510974.2013.778892

- Felmlee, D. H. (2001). No couple is an island: A social network perspective on dyadic stability. *Social Forces*, 79(4), 1259-1287.
- Felmlee, D., & Sprecher, S. (2000). Close relationships and social psychology: Intersections and future paths. *Social Psychology Quarterly*, 365-376.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. Retrieved June 17, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0102-79721998000200014.
- Fergus, K. D., & Reid, D. W. (2001). The couple's mutual identity and reflexivity: A systematic-constructivist approach to the integration of persons and systems. *Journal of Psychotherapy Integration*, 11(3), 385-410.
- Fiese, B. H., Foley, K. P., & Spagnola, M. (2006). Routine and ritual elements in family mealtimes: Contexts for child well-being and family identity. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2006(111), 67-89. doi:10.1002/cad.155
- Gardner, B., Busby, D., Burr, B., & Lyon, S. (2011). Getting to the root of relationship attributions: Family-of-origin perspectives on self and partner views. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 33(3), 253-272. doi:10.1007/s10591-011-9163-5
- Georgas, J., Berry, J. W., van de Vijver, F. R., Kağıtçıbaşı, Ç., & Poortinga, Y. (2006). *Families across cultures: A 30-nation psychological study*. New York, NY, US: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511489822
- Gottman, J. M., Coan, J., Carrere, S., & Swanson, C. (1998). Predicting marital happiness and stability from newlywed interactions. *Journal of Marriage and the Family*, 60(1), 5-22. doi:10.2307/353438
- Guba, E. & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 105-117). Newbury Park, CA: Sage

- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1989). *Fourth Generation evaluation*. Newbury Park, CA: Sage.
- Harrison, M. A., & Shortall, J. C. (2011). Women and men in love: Who really feels it and says it first?. *Journal of Social Psychology*, 151(6), 727-736. doi:10.1080/00224545.2010.522626
- Haslam, S., Turner, J. C., Oakes, P. J., Reynolds, K. J., & Doosje, B. (2002). From personal pictures in the head to collective tools in the world: How shared stereotypes allow groups to represent and change social reality. In C. McGarty, V. Y. Yzerbyt, R. Spears (Eds.), *Stereotypes as explanations: The formation of meaningful beliefs about social groups* (pp. 157-185). New York, NY, US: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511489877.009
- Ickes, W., Tooke, W., Stinson, L., & Baker, V. L. (1988). Naturalistic social cognition: Intersubjectivity in same-sex dyads. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12(1), 58-84, 58-84.
- Iyer, A., Jetten, J., Tsivrikos, D., Postmes, T., & Haslam, S. (2009). The more (and the more compatible) the merrier: Multiple group memberships and identity compatibility as predictors of adjustment after life transitions. *British Journal of Social Psychology*, 48(4), 707-733. doi:10.1348/014466608X397628
- Julien, D., Chartrand, E., & Bégin, J. (1999). Social networks, structural interdependence, and conjugal adjustment in heterosexual, gay, and lesbian couples. *Journal of Marriage & Family*, 61(2), 516-530. doi:10.2307/353766
- Karakurt, G. (2012). Relationship stability through lenses of complexity. *American Journal of Family Therapy*, 40(2), 126-140. doi:10.1080/01926187.2011.586619
- Knabb, J. J., Vogt, R. G., Gibbel, M., & Brickley, D. J. (2012). An empirical investigation of the relationship between clinical personality patterns and marital functioning. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1(1), 66-77. doi:10.1037/a0027315
- Le, B., & Agnew, C. R. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the Investment Model. *Personal Relationships*, 10(1), 37-57



- Leggett, D. G., Roberts-Pittman, B., Byczek, S., & Morse, D. T. (2012). Cooperation, conflict, and marital satisfaction: Bridging theory, research, and practice. *Journal of Individual Psychology*, 68(2), 182-199.
- Levine, J. M., & Moreland, R. L. (Eds.). (2004). *Small groups: key readings*. Psychology Press.
- Lewandowski, G. W., Aron, A., Bassis, S., & Kunak, J. (2006). Losing a self-expanding relationship: Implications for the self-concept. *Personal Relationships*, 13(3), 317-331. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00120.x
- Lichtwarck-Aschoff, A., van Geert, P., Bosma, H., & Kunnen, S. (2008). Time and identity: A framework for research and theory formation. *Developmental Review*, 28(3), 370-400. doi:10.1016/j.dr.2008.04.001
- Locke, K. (2001). *Grounded Theory in management research*. London: Sage Publications.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (Vols 1 and 2) (pp. 77-98). New York, NY, US: Springer Science + Business Media. doi:10.1007/978-1-4419-7988-9\_4 Vol. 2: Interpersonal processes (pp. 478-502). Oxford: Blackwell.
- Määttä, K., & Uusiautti, S. (2013). Silence is not golden: review of studies of couple interaction. *Communication Studies*, 64(1), 33-48.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 551-558.
- Marcia, J. E. (1993). The ego identity status approach to ego identity. Em J. E. Marcia, A. S. Waterman, & D. R. Matteson, *Ego identity: A handbook for psychosocial research* (pp. 1-21). New York: Springer-Verlag.

- Mark, K. P., Janssen, E., & Milhausen, R. R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971-982
- Marks, D. F., & Yardley, L.(Eds.) (2004). *Research Methods for Clinical and Health Psychology*. London: Sage.
- Markus, H. R., H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.
- Maturana, H., & Varela, F. (1994). *De máquinas y seres vivos. Autopoiesis: la organización de lo vivo*. Santiago del Chile: Editorial Universitária.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434
- Miller, L. E., & Caughlin, J. P. (2013). "We're going to be survivors": Couple's identity challenges during and after cancer treatment. *Communication Monograph*, 80, 63-82.
- Morin, E. (1984). *Ciência com consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Owen, J., Rhoades, G. K., & Stanley, S. M. (2013). Sliding versus deciding in relationships: Associations with relationship quality, commitment, and infidelity, *Journal of Couple & Relationship Therapy: Innovations in Clinical and Educational Interventions*, 12:2, 135-149, DOI: 10.1080/15332691.2013.779097
- Parker, M. L., Berger, A. T. & Campbell, K. (2010). Deconstructing couples' experiences with infidelity. *Journal of Couple & Relationship Therapy: Innovations in Clinical and Educational Interventions*, 9:1, 66-82, DOI: 10.1080/15332690903246119

- Pearson, J. C., Child, J. T., & Carmon, A. F. (2010). Rituals in committed romantic relationships: The creation and validation of an instrument. *Communication Studies*, 61(4), 464-483.
- Reid, D. W., Dalton, E., Laderoute, K., Doell, F. K., & Nguyen, T. (2006). Therapeutically induced changes in couple identity: The role of we-ness and interpersonal processing in relationship satisfaction. *Genetic, Social & General Psychology Monographs*, 132 (3), 241-284.
- Rosowsky, E., King, K. D., Coolidge, F. L., Rhoades, C. S., & Segal, D. L. (2012). Marital satisfaction and personality traits in long-term marriages: An exploratory study. *Clinical Gerontologist*, 35(2), 77-87. doi:10.1080/07317115.2011.639855
- Sassler, S., Cunningham, A., & Lichter, D. T. (2009). Intergenerational patterns of union formation and relationship quality. *Journal of Family Issues*, 30(6), 757-786.
- Scabini, E., & Manzi, C. (2011). Family processes and identity. Em S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles, *Handbook of Identity Theory and Research* (pp. 565-584). London: Springer Science+Business Media LLC.
- Schmitt, D. P., Youn, G., Bond, B., Brooks, S., Frye, H., Johnson, S., Klesman, J., Peplinski, C., Sampias, J., Sherrill, M., Stoka, C. (2009). When will I feel love? The effects of culture, personality, and gender on the psychological tendency to love. *Journal of Research in Personality*, 43(5), pp.830-846.
- Schwartz, S. J. (2001). The evolution of Eriksonian and Neo-Eriksonian Identity Theory and research: A Review and Integration. *Identity*, 1(1), 7-58.
- Sedikides, C., & Brewer, M. B. (Eds.). (2001). *Individual self, relational self, collective self*. Psychology Press.
- Stanley, S. M., & Markman, H. J. (1992). Assessing commitment in personal relationships. *Journal of Marriage & Family*, 54,595-608. doi:10.2307/353245

- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119 –135. doi:10.1037/0033-295X.93.2.119
- Steuber, K. R., Priem, J. S., Scharp, K. M. & Thomas, L., (2014). The Content of Relational Uncertainty in Non-Engaged cohabiting relationships, *Journal of Applied Communication Research*, 42:1, 107-123, DOI: 10.1080/00909882.2013.874569
- Surra, C. A., & Bartell, D. S. (2001). Attributions, communication, and the development of a marital identity. In V. Manusov, J. H. Harvey (Eds.), *Attribution, communication behavior, and close relationships* (pp. 93-114). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- Swann, W. B., Jr. (2005). The self and identity negotiation. *Interaction Studies*, 6, 69–83.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *The social psychology of intergroup relations*, 33(47), 74.
- Tsapelas, I., Aron, A., & Orbuch, T. (2009). Marital boredom now predicts less satisfaction 9 years later. *Psychological Science*, 20(5), 543-545. doi:10.1111/j.1467-9280.2009.02332.x
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- VanderStoep, S. W., & Johnston, D. D. (2009). *Research Methods for everyday life – Blending Qualitative and Quantitative Approaches*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. Em S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles, *Handbook of Identity Theory and Research* (pp. 1-27). London: Springer Science + Business Media LLC .

- Vinkers, C. D., Finkenauer, C., & Hawk, S. T. (2011). Why do close partners snoop? Predictors of intrusive behavior in newlywed couples. *Personal Relationships*, 18(1), 110-124.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1997). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interacção*. São Paulo: Cultrix.
- Whitton, S. W., Waldinger, R. J., Schulz, M. S., Allen, J. P., Crowell, J. A., & Hauser, S. T. (2008). Prospective associations from family-of-origin interactions to adult marital interactions and relationship adjustment. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 274-286. doi:10.1037/0893-3200.22.2.274

## Anexos

---

## Anexo 1

*Esquema representativo da árvore de categorias de Nvivo*❖ **Funções da identidade conjugal**

- Funções a nível conjugal
  - avaliação da relação
  - concretização do amor
  - conhecimento mútuo
  - crescimento relacional
  - cumplicidade
  - dar sentido à relação
  - definição da relação
  - definir-alcançar finalidade comum
  - permitir o companheirismo
  - sucesso relacional
    - bem-estar relacional
    - continuidade da relação
  - união
- Funções a nível familiar
  - educação dos filhos
  - exemplo para os filhos
  - gerar família
- Funções a nível individual
  - auto-conhecimento
  - bem-estar pessoal
  - crescimento pessoal
  - receber afecto
  - segurança
  - sentido de pertença
- Funções a nível social
  - apoiar outros casais
  - exemplo para outros casais
- Identidade conjugal como “âncora”
- Identidade conjugal como “bússola”
- Identidade conjugal como “motor”

❖ **Construção e desenvolvimento da identidade conjugal**

- Facilitadores de identidade conjugal
  - pré-requisitos para IC – As sementes
    - alegria
    - amizade
    - amor
    - autenticidade
    - cedências mútuas
    - compreensão
    - compromisso
    - confiança
    - conhecimento mútuo
    - cumplicidade
    - disponibilidade
    - entendimento
    - objectivos comuns
    - paciência-esforço
    - partilha

- respeito
  - sentido de nós
  - suporte
  - união
  - factores nodais no desenvolvimento da identidade conjugal - sementes principais
    - amizade
    - amor
    - apoio
    - comunicação
    - cumplicidade
    - equilíbrio
    - objectivos comuns
    - respeito
    - tríade eu-tu-nós
- Construção Progressiva
- Diferenças da identidade do casal em namoro e casal conjugal
- papel do namoro - impulsionador da identidade conjugal
    - ◆ qualidades específicas do namoro
      - aprender a resolver dificuldades
      - aumentar a confiança
      - conhecimento mútuo
      - consciência de dificuldades
      - dar suporte emocional
      - domínio do eu-tu
      - mudanças pessoais adaptativas
      - perceber disponibilidade para compromisso
      - reforçar a união
  - papel da conjugalidade - consolidação da identidade conjugal
    - ◆ qualidades específicas do casamento
      - novidade total
      - vivência comum a tempo inteiro
  - processo de protecção da identidade conjugal
    - ◆ auto-regulação relacional
      - área da comunicação
      - área da confiança
      - área da cumplicidade
      - área da diferenciação conjugal
        - respeito
      - área da Expressão de Afecto
      - área da Partilha
      - área de Eficácia Relacional
      - área de Objectivos
      - área de Suporte Emocional
      - área de Vínculos Afectivos
        - amizade
        - amor
        - compromisso
      - área do bem-estar
      - área do crescimento relacional
      - área do poder
        - decisões conjuntas
        - equilíbrio de cedências
      - área do sentido de nós
        - união
        - valorização do nós



- área das Singularidades
  - indicadores de singularidade
    - ausência de rituais
    - características da relação
      - ◆ compreensão
      - ◆ coragem
      - ◆ cumplicidade
      - ◆ frontalidade
      - ◆ respeito
    - diálogo
    - dinâmica relacional específica
    - elogios
    - externos-espirituais
      - ◆ missão de ajuda comunitária
      - ◆ pertença a equipa religiosa de casais
      - ◆ pertença a escuteiros
    - fazer o outro rir descontroladamente
    - fazer projectos
    - forma exclusiva de tratamento
    - frases-conversas exclusivas
    - fuga à monotonia
    - gestos de delicadeza
    - integração de duas personalidades específicas
    - memórias específicas
    - não ter televisão no quarto
    - pregar sustos
    - rituais
      - ◆ acampar
      - ◆ balanços avaliativos da relação
      - ◆ caminhadas à noite
      - ◆ chás de saúde
      - ◆ comemoração aniversários nascimento
      - ◆ comemoração do aniversário da relação
      - ◆ deitar ao mesmo tempo
      - ◆ dia dos namorados
      - ◆ dormir nos braços do outro
      - ◆ expressão de afecto específica
      - ◆ férias exclusivas
      - ◆ fins-de-semana fora
      - ◆ lista de sonhos
      - ◆ massagens para dores
      - ◆ momentos exclusivos
      - ◆ mensagens dia Pai-Mãe
      - ◆ mensagens de telemóvel
      - ◆ oração partilhada
      - ◆ passear de mãos dadas
      - ◆ pequeno-almoço juntos
      - ◆ refeições surpresa
      - ◆ telefonar
      - ◆ usar a aliança da avó
      - ◆ viajar
    - surpresas
  - semelhante a todos os casais

- protectores extra-conjugais
    - espirituais
    - extra-familiares
      - amigos
      - comunidade
      - famílias de origem
      - trabalho
    - familiares
      - gostar de ser esta família
      - interacção com os filhos
        - ◆ aprendizagem da parentalidade
        - ◆ modelo de identidade conjugal para os filhos
      - papel dos filhos na construção da identidade conjugal
        - ◆ alargar sentimento em comum
        - ◆ construção da identidade familiar
        - ◆ consumação da identidade conjugal
        - ◆ factor de atenção comum aos membros do casal
        - ◆ fomentar crescimento do casal
        - ◆ fomentar felicidade do casal
        - ◆ fomentar união do casal
        - ◆ fortalecimento da identidade conjugal
        - ◆ maior harmonia familiar
        - ◆ marca da identidade conjugal do casal
        - ◆ necessidade de adaptação
        - ◆ necessidade de criar espaço para o(s) filho(s) na família
        - ◆ necessidade de diálogo entre o casal
        - ◆ novo objectivo comum do casal
        - ◆ ponto de viragem em relações frágeis
        - ◆ protecção da relação de casal
        - ◆ reacendimento da relação amorosa do casal
        - ◆ responsabilidade comum do casal
        - ◆ sem influência directa na identidade conjugal
        - ◆ teste à relação de casal
      - tarefas da parentalidade
        - ◆ criação de consensos acerca da parentalidade
        - ◆ educação dos filhos
        - ◆ preparação dos filhos para o futuro
        - ◆ responsabilidade e compromisso
    - individuais
      - autonomia
      - crenças
      - modelos de família de origem
      - nível sociocultural
      - personalidade
      - realização pessoal com a relação
      - reflexão crítica
      - satisfação com a vida
- ◆
- Barreiras no desenvolvimento da identidade conjugal
    - auto-regulação relacional deficitária
      - área da confiança
        - ◆ autenticidade
        - ◆ ciúme

- ◆ desconfiança
- ◆ infidelidade
- ◆ mentira
- área da diferenciação do *Self*
  - ausência de respeito
    - ◆ diferenças incompatíveis
      - hábitos e estilos de vida incompatíveis
      - objectivos pessoais diferentes
      - personalidades antagónicas
    - ◆ dominância do Eu sobre o Nós
  - área da partilha
  - área da qualidade da comunicação e conflito
  - área de crescimento relacional
  - área de cumplicidade
  - área de expectativas relacionais
  - área de suporte emocional
  - área de Vínculos Afectivos
    - ◆ desinteresse pelo outro
      - falta de amizade
      - falta de amor
      - incerteza
  - barreiras extra-conjugais
    - ◆ factores familiares-filhos
    - ◆ factores individuais
      - atracção física por outras pessoas
      - auto-desinvestimento
      - consumos
      - medo do julgamento alheio
      - modelos de família de origem
      - pensamentos
      - personalidade
      - problemas de saúde
      - saturação
      - sentimentos
    - ◆ factores materiais
      - dificuldades financeiras
      - gestão financeira
    - ◆ sistemas extra-familiares
      - amigos
      - comunidade
      - famílias de origem
        - apoio à família de origem
        - coabitação com família de origem
        - divergências com família de origem
        - divergências sobre família de origem
        - fronteiras difusas com família de origem
        - preconceitos
        - sociedade
        - trabalho

## Anexo 2. Lista das categorias e respectivas definições operacionais

Categorias	Definição / Definição operacional
<b>Funções da IC</b>	Papel da identidade conjugal na relação do casal
<b>Funções a nível conjugal</b> <b>Avaliação da relação</b> Concretização do Amor Conhecimento mútuo Crescimento relacional Cumplicidade Dar sentido à relação Definição da relação Definir-alcançar finalidade comum Permitir o companheirismo <b>Sucesso relacional</b> <b>Bem-Estar Relacional</b> <b>Continuidade da Relação</b> <b>União</b>	Papel a nível da relação diádica Permitir juízos relativos à qualidade e nível de sucesso/solidez da relação Expressar o amor que une o casal Permitir uma descoberta recíproca do outro Potenciar o desenvolvimento da relação Criar entendimento recíproco e sintonia entre os parceiros Dar um propósito à relação Especificar as bases, as regras e limites da relação Estabelecer objectivos comuns aos parceiros Criar a base emocional que liga os parceiros, que os torna parceiros Potenciar a satisfação relacional Potenciar o bem-estar de ambos na relação Potenciar a manutenção da relação no tempo Criar coesão entre o casal
<b>Funções a nível Familiar</b>  Educação dos filhos  Exemplo para os filhos Gerar família	Papel da identidade conjugal na relação do casal com a família Papel da identidade conjugal no estabelecimento e cumprimento de regras em relação aos filhos Papel da identidade conjugal no estabelecimento de um modelo conjugal para os filhos Potenciar o crescimento da família pelo ser alargamento através dos filhos
<b>Funções a nível individual</b> <b>Auto-conhecimento</b> <b>Bem-estar pessoal</b> <b>Crescimento pessoal</b>	Papel da identidade conjugal em cada um dos parceiros da relação Proporcionar um maior auto-conhecimento Proporcionar satisfação pessoal Proporcionar oportunidades de desenvolvimento pessoal e aprendizagens

Receber afecto	Proporcionar um contexto em que cada parceiro pode receber expressões de afecto
<b>Segurança</b>	Proporcionar segurança relacional e pessoal
<b>Sentido de pertença</b>	Proporcionar sentido de fazer parte de uma unidade maior - expansão dos limites pessoais
Funções a nível social	Papel da identidade conjugal no exterior da relação do casal, numa rede alargada
Apoiar outros casais	Proporcionar suporte a outros casais
Exemplo para outros casais	Ser um modelo de casal para outros casais
<b>Identidade conjugal como Âncora</b>	Identidade conjugal como base e estrutura da relação
<b>Identidade conjugal como Bússola</b>	Identidade conjugal como recurso para avaliação e orientação da relação
<b>Identidade conjugal como motor</b>	Identidade conjugal como estímulo à evolução da relação
<b>Construção e desenvolvimento da identidade conjugal</b>	Processo de emergência da identidade conjugal como entidade distinta dos membros do casal
<b>Facilitadores da identidade conjugal</b>	Factores e comportamentos que podem contribuir para a construção, desenvolvimento e manutenção da identidade conjugal
<b>Pré-requisitos para a identidade conjugal</b>	Factores necessários na relação para a emergência da identidade conjugal
Alegria	Sentir satisfação na relação
Amizade	Sentir ou demonstrar afeição e companheirismo pelo outro.
<b>Amor</b>	Sentir pelo outro a afeição associada ao amor romântico
Autenticidade	Ser honesto e verdadeiro com o parceiro
Cedências mútuas	Ser tolerante com as preferências do outro e conceder reciprocamente oportunidades de as aplicar em casal
Compreensão	Entender o outro
<b>Compromisso</b>	Sentir um vínculo afectivo e psicológico para com o parceiro e a intenção de o manter
Confiança	Acreditar na honestidade do parceiro; sentir segurança na relação
Conhecimento mútuo	Partilhar pontos de vista e experiências para dar-se a conhecer ao outro,

	<p>reciprocamente.</p> <p>Cumplicidade Disponibilidade Entendimento Objectivos comuns Paciência-esforço Partilha Respeito Sentido de nós Suporte União</p>	<p>Manifestar sintonia para com o outro Estar atento e acessível para o outro Concordar; tentar chegar a acordo com o outro Partilhar objectivos em casal; tornar de ambos os objectivos de cada um Ser tolerante e esforçar-se para a relação ser satisfatória Dividir com o outro o que é íntimo Sentir consideração e tolerância pelo outro Sentir a presença do "nós" na relação Apoiar o outro Coesão entre o casal</p>
	<b>Factores nodais no desenvolvimento da identidade conjugal</b>	<b>Factores essenciais para a emergência da identidade conjugal - substrato</b>
	<p>Amizade <b>Amor</b> Apoio Comunicação Cumplicidade Equilíbrio Objectivos comuns Respeito Tríade eu-tu-nós</p>	<p>Sentir ou demonstrar afeição e companheirismo pelo outro. Sentir pelo outro a afeição associada ao amor romântico Sentir e dar suporte e ajuda ao outro Conversar, exprimir o que pensam e sentem Manifestar sintonia para com o outro Sentir estabilidade na relação Sentir partilha de objectivos Sentir consideração e tolerância pelo outro Sentir que da relação entre os parceiros emerge o "nós" da relação</p>
	<b>Construção Progressiva</b>	Desenvolvimento gradual no eixo temporal da identidade conjugal na relação
	<b>Diferenças da identidade conjugal do casal em namoro e casal conjugal</b>	Particularidades da identidade conjugal em cada uma das fases da relação
	<b>Papel do namoro - impulsionador da identidade conjugal</b>	Papel do namoro no surgimento da identidade conjugal
	Qualidades específicas do namoro	Características distintivas da relação de namoro (face à relação conjugal)

<p>aprender a resolver dificuldades aumentar a confiança <b>conhecimento mútuo</b></p> <p>consciência de dificuldades dar suporte emocional <b>domínio do eu-tu</b> mudanças pessoais adaptativas perceber disponibilidade para compromisso</p> <p>reforçar a união</p>	<p>Ensaiai tentativas de superação de obstáculos em conjunto Intensificar a segurança e expectativa de honestidade recíproca na relação Partilhar pontos de vista e experiências para dar-se a conhecer ao outro, reciprocamente. Aperceber-se das contrariedades e problemas do outro e da relação Apoiar o outro, compreendê-lo Sentir a prevalência da individualidade relativamente ao que é relacional Adaptar-se a uma relação diádica</p> <p>Avaliar a motivação mútua para o compromisso com o outro e com a relação Aumentar a coesão entre o casal</p>
<b>Papel da conjugalidade - consolidação da identidade conjugal</b>	Papel da relação conjugal no fortalecimento da identidade conjugal
<p><b>Qualidades específicas da conjugalidade</b> novidade total vivência comum a tempo inteiro</p>	<p>Características distintivas da relação conjugal (em relação ao namoro) Descobrir novos contornos na relação Experimentar a partilha diária e constante da vida com o parceiro</p>
<b>Processo de protecção da identidade conjugal</b>	Factores e comportamentos que podem contribuir para construção e a manutenção da identidade conjugal
<b>Auto-Regulação Relacional</b>	Capacidade do casal em re-organizar o seu sistema
<b>Área da Comunicação</b>	Estilos de comunicação funcionais e recurso à meta-comunicação
Área da Confiança	Sentimento de segurança e tranquilidade decorrentes da certeza da reciprocidade da relação
Área da Cumplicidade	Entendimento recíproco e sintonia entre os parceiros
Área da Diferenciação Conjugal respeito	Primazia do que é comum aos elementos do casal face ao que é individual Cumprir a vontade de ambos os parceiros
Área da Expressão de Afecto	Manifestações dos sentimentos que unem os parceiros
Área da Partilha	Vivência de experiências em comum

Área de Eficácia Relacional	Resolução eficiente dos problemas e conflitos na relação
Área de Objectivos	Partilhar objectivos em casal; tornar de ambos os objectivos de cada um
Área de Suporte Emocional	Apoio emocional recíproco
<b>Área de Vínculos Afectivos</b> amizade <b>amor</b>  <b>compromisso</b>	Existência de afecto recíproco que mantém a ligação entre os parceiros Sentir ou demonstrar afeição e companheirismo pelo outro. Sentir pelo outro a afeição associada ao amor romântico, paixão Sentir um vínculo afectivo e psicológico para com o parceiro e a intenção de o manter
Área do Bem-Estar	Satisfação e felicidade diárias com a experiência da relação
Área do Crescimento Relacional	Progressão na relação.
Área do Poder Decisões conjuntas Equilíbrio de cedências	Tomadas de decisão Partilha das decisões  Ser tolerante com as preferências do outro e conceder equilibrada e reciprocamente oportunidades de as aplicar em casal
<b>Área do Sentido de Nós</b>  União <b>Valorização do nós</b>	Prevalência e centralidade do "Nós" relacional face às preferências individuais Coesão entre o casal Valorizar o que é comum face à individualidade
<b>Área das Singularidades</b>	Idiossincrasias das relações
<b>Indicadores de singularidade</b>	Sinais e comportamentos decorrentes das idiossincrasias da relação
Ausência de rituais	Inexistência de acções com carácter efectivo e simbólico, repetidas no tempo e que expressam a união do casal
Características da relação Compreensão Coragem Cumplicidade Frontalidade	Aspectos relacionais que definem a relação Entender o outro e ser entendido Enfrentar as dificuldades da relação com esforço e persistência Expressar entendimento recíproco e sintonia entre os parceiros Comunicar abertamente na relação sem fugir aos conflitos



	Respeito	Sentir consideração e tolerância pelo outro; estar atento ao outro.
	Diálogo	Conversar, exprimir o que pensam e sentem
	Dinâmica relacional específica	Comportamentos e forma de lidar com a vida diferente dos outros casais
	Elogios	Elogiar o parceiro e ser elogiado por ele
	Externos-Espirituais	Sinais e comportamentos decorrentes das idiossincrasias da relação ligados a questões espirituais
	Missão de ajuda comunitária	Ajudar a comunidade em casal
	Pertença a equipa religiosa de casais	Pertencer a organizações religiosas em casal - Igreja
	Pertença a escuteiros	Pertencer a organizações religiosas em casal - Escutismo
	Fazer o outro rir descontroladamente	Usar o humor na relação
	Fazer projectos	Sonhar e projectar no futuro expectativas para a relação
	<b>Forma exclusiva de tratamento</b>	Utilizar palavras, termos ou expressões carinhosas e exclusivas para com o parceiro
	<b>Frases-conversas exclusivas</b>	Circunscrever à relação assuntos que devem permanecer na esfera privada
	Fuga à monotonia	Comportamentos para escapar à rotina
	Gestos de delicadeza	Ser gentil com o outro
	Integração de duas personalidades específicas	Adaptar-se à personalidade e características específicas do outro
	Memórias específicas	Ter lembranças associadas ao início e percurso da relação (músicas, filmes, fotos)
	Não ter TV no quarto	Manter o quarto livre de influências exteriores
	Surpresas	Preparar surpresas ou presentes inesperados para o outro
	<b>Semelhante a todos os casais</b>	Acções com carácter efectivo e simbólico repetidas no tempo e que expressam a união do casal semelhantes às dos outros casais
	Pregar sustos	Brincar com o outro
	<b>Rituais</b>	Acções com carácter efectivo e simbólico repetidas no tempo e que expressam a união do casal
	Acampar	Partilhar descobertas e experiências culturais diversas
	Balanços avaliativos da relação	Conversas com objectivo de avaliar a relação

			<p>Caminhadas à noite</p> <p>Chás de saúde</p> <p>Comemoração aniversários nascimento</p> <p><b>Comemoração do aniversário da relação</b></p> <p>Deitar ao mesmo tempo</p> <p>Dia dos namorados</p> <p>Dormir nos braços do outro</p> <p><b>Expressão de afecto específica</b></p> <p>Férias exclusivas</p> <p>Fins-de-semana fora</p> <p>Lista de sonhos</p> <p>Massagens para dores</p> <p>Momentos exclusivos</p> <p>Mensagens do dia do Pai-Mãe</p> <p>Mensagens de telemóvel</p> <p>Oração partilhada</p> <p>Passear de mãos dadas</p> <p>Pequeno-almoço juntos</p> <p>Refeições surpresa</p> <p>Telefonar</p> <p>Usar a aliança da avó</p> <p>Viajar</p>	<p>Passear e realizar actividades desportivas</p> <p>Cuidar o outro</p> <p>Festejar a existência do outro</p> <p>Festejar a existência e progressão da relação</p> <p>Partilhar a ida para a cama</p> <p>Festejar o dia dos namorados</p> <p>Expressar a ligação afectiva durante o sono</p> <p>Ter um diminutivo ou expressão único para o parceiro</p> <p>Ter férias a dois (por exemplo, sem os filhos)</p> <p>Escapar da rotina aos fins-de-semana</p> <p>Ter projectos comuns e sonhos a realizar a dois</p> <p>Cuidar do corpo do outro</p> <p>Estar com o outro, simplesmente</p> <p>Festejar e felicitar o outro pelo seu papel parental</p> <p>Enviar SMS ao parceiro durante as ausências</p> <p>Rezar em conjunto</p> <p>Expressar a ligação afectiva em público</p> <p>Começar o dia juntos</p> <p>Preparar refeições requintadas ao outro</p> <p>Ligar ao outro, mostrando atenção</p> <p>usar objectos que pertencem à história do outro; reforçar vínculos intergeracionais</p> <p>Partilhar descobertas e experiências culturais diversas</p>
		<p><b>Protectores Extra-Conjugais</b></p> <p>Espirituais</p> <p>Extra-familiares</p> <p><b>Amigos</b></p>	<p>Factores e comportamentos exteriores ao casal que podem contribuir para construção e a manutenção da identidade conjugal</p> <p>Crenças espirituais e religiosas com impacto na relação do casal</p> <p>Papel de factores com origem a nível exterior à família na relação do casal</p> <p>Papel da rede social mais próxima na regulação da relação do casal</p>	

				Comunidade	Influência de grupos da comunidade na relação do casal
				<b>Famílias de Origem</b>	Influência da(s) família(s) de origem no suporte à relação do casal - apoio, respeito pelos limites e fronteiras do sub-sistema conjugal
				Trabalho	Influência da vida profissional dos parceiros na relação
				<b>Familiares</b>	Papel dos filhos do casal no sub-sistema conjugal
				Gostar de ser esta família	Sentir prazer na vivência familiar
				Interacção com os filhos	Relação do casal e dos parceiros com os filhos
				Aprendizagem da parentalidade	Aprender a exercer as funções parentais em conjunto
				Modelo de identidade conjugal para os filhos	Tentar ser um exemplo de casal perante os filhos
				<b>Papel dos Filhos na Construção da da identidade conjugal</b>	Influência do(s) filhos(s) na relação do casal
				Alargar sentimento em comum	Partilhar o amor filial
				Construção da Identidade Familiar	Ajudar a construir uma identidade enquanto família alargada aos filhos
				Consumação da identidade conjugal	Concretizar a identidade conjugal através dos filhos
				Factor de atenção comum aos membros do casal	Partilhar a atenção e a importância dada ao(s) filho(s) e as tarefas de cuidado necessárias
				Fomentar crescimento do casal	Potenciar o crescimento e desenvolvimento da relação
				Fomentar felicidade do casal	Trazer satisfação e felicidade à vivência do casal
				Fomentar união do casal	Potenciar a coesão do casal
				<b>Fortalecimento da identidade conjugal</b>	Solidificação da identidade conjugal
				Maior harmonia familiar	Trazer união e concórdia à relação
				Marca da identidade conjugal do casal	Filhos como símbolo da identidade conjugal

				<p>Necessidade de adaptação</p> <p><b>Necessidade de criar espaço para o(s) filho(s) na família</b></p> <p><b>Necessidade de diálogo entre o casal</b></p> <p>Novo objectivo comum do casal</p> <p>Ponto de viragem em relações frágeis</p> <p>Protecção da relação de casal</p> <p>Reacendimento da relação amorosa do casal</p> <p>Responsabilidade comum do casal</p> <p>Sem influência directa na identidade conjugal</p> <p>Teste à relação de casal</p>	<p>Ajustar a experiência relacional para incluir os filhos</p> <p>Alargar o espaço relacional; criar novos sub-sistemas no casal e entre o casal e os filhos</p> <p>Potenciar a necessidade de comunicar claramente entre o casal</p> <p>Ser o primeiro objectivo do casal</p> <p>Transformar e recuperar relações em dificuldade</p> <p>Proteger a relação diádica</p> <p>Trazer mais força a uma relação arrefecida</p> <p>Partilhar a responsabilidade do(s) filho(s) e as tarefas de cuidado necessárias</p> <p>Não sentir influência dos filhos na identidade conjugal</p> <p>Desafio a relação, conduzindo-a a um crescimento</p>
			Tarefas da Parentalidade	<p>Criação de consensos acerca da parentalidade</p> <p>Educação dos filhos</p> <p>Preparação dos filhos para o futuro</p> <p>Responsabilidade e compromisso</p>	<p>Acções e comportamentos necessários ao cuidado dos filhos</p> <p>Estabelecer bases de entendimento mútuas acerca das tarefas parentais</p> <p>Estabelecer regras e mantê-las em relação à educação dos filhos</p> <p>Ser responsável pelo futuro dos filhos</p> <p>Assumir a responsabilidade de ter filhos para toda a vida</p>
			<b>Individuais</b>		Papel das variáveis pessoais na protecção da identidade conjugal
			Autonomia		Viver também para si e não só para a relação e para o outro (não ser o centro da vida do outro)

			Crenças	Papel dos preconceitos, julgamentos e crenças religiosas individuais na relação e na protecção da identidade conjugal
			Modelos de família de origem	Trazer modelos familiares da infância que interferem positivamente na relação
			Nível sócio-cultural	Serem educados e civilizados na sua relação
			<b>Personalidade</b>	Ter características de personalidade que facilitam o sucesso da relação
			Realização pessoal com a relação	Satisfação e felicidade pessoal com a experiência da relação
			Reflexão crítica	Ter consciência do que pode ser melhorado na relação
			Satisfação com a vida	Sentir felicidade e prazer com a relação de casal
<b>Barreiras no desenvolvimento da IC (Factores de vulnerabilidade)</b>				Factores, problemas e comportamentos que podem contribuir para comprometer a construção da IC, impedi-la ou destruí-la
<b>Auto-regulação relacional deficitária</b>				Dificuldade ou incapacidade do casal em re-organizar o seu sistema
<b>Área da confiança</b>				(Comprometimento da) segurança e tranquilidade decorrentes da certeza da reciprocidade da relação
Autenticidade				Não ser honesto e verdadeiro com o parceiro
Ciúme				Sentir e expressar receio/suspeita do interesse e envolvimento do parceiro por outra pessoa
<b>Desconfiança</b>				Sentir receio e/ou suspeita de ser enganado pelo parceiro
<b>Infidelidade</b>				Trair a exclusividade da relação a nível físico, emocional e/ou sexual
<b>Mentira</b>				Faltar à verdade com o parceiro de forma intencional
<b>Área da diferenciação do Self</b>				Primazia do individual face ao que é comum aos elementos do casal
<b>Ausência de respeito</b>				Descurar a importância um do outro e das suas preferências face às individuais
Diferenças incompatíveis				Incapacidade de conciliar na relação as características, opiniões e preferências individuais
Hábitos e estilos de vida incompatíveis				Ter rotinas, gostos e preferências inconciliáveis ou contraditórios entre parceiros

Objectivos pessoais diferentes	
Personalidades antagónicas	Ter objectivos individuais inconciliáveis com os do parceiro ou da relação
<b>Dominância do Eu sobre o Nós</b>	Ter características de personalidade que são inconciliáveis na relação
	Ter como prevalente um dos elementos do casal, as suas preferências, que são sobrepostas às do outro e à centralidade da relação; Dominar o outro
Área da partilha	Vivência de experiências em comum
Área da qualidade da comunicação e conflito	Estilos de comunicação disfuncionais, falta ou ausência de meta-comunicação e nível de conflitualidade negativa
Área de crescimento relacional	Défice/Inexistência de progressão na relação.
Área de cumplicidade	Défice ou falta de entendimento recíproco entre os parceiros
Área de expectativas relacionais	Défice ou falta de perspectivas de sucesso ou melhoria na relação
Área de suporte emocional	Défice ou falta de apoio emocional recíproco
<b>Área de Vínculos Afectivos</b>	Défice ou ausência de afecto pelo outro
Desinteresse pelo outro	Sentir indiferença face ao parceiro e suas opiniões/preferências
Falta de amizade	Sentir ou demonstrar falta de afeição e companheirismo pelo outro.
Falta de amor	Não sentir pelo outro a afeição associada ao amor romântico
Incerteza	Sentir dúvidas acerca dos sentimentos em relação ao outro
<b>Barreiras Extra-Conjugais</b>	Factores e problemas de origem exterior à díade que podem contribuir para comprometer a construção da identidade conjugal, impedi-la ou destruí-la
<b>Factores Familiares-Filhos</b>	Papel dos filhos do casal como motivo para discordâncias, conflitos e desatenções
<b>Factores Individuais</b>	Papel nocivo de características individuais para a relação
Atracção física por outras pessoas	Sentir desejo e atracção de cariz sexualizado por elementos exteriores ao casal
Auto-desinvestimento	Deixar de cuidar de si próprio
Consumos	Um dos elementos do casal ter vícios ou ser adicto
Medo do julgamento alheio	Sentir preocupação com a opinião das pessoas fora da relação

			Modelos de família de origem	Trazer modelos familiares da infância que interferem negativamente na relação
			Pensamentos	Ter ideias que podem trazer dano à relação
			<b>Personalidade</b>	Ter características de personalidade que interferem no sucesso da relação
			Problemas de saúde	Ter ou o parceiro ter patologias que interfiram na relação e sua qualidade
			Saturação	Sentir cansaço e dificuldade em tolerar a relação
			Sentimentos	Emoções sentidas por cada parceiro
			Factores Materiais	Papel da gestão do dinheiro e dos bens individuais e do casal
			Dificuldades financeiras	Ter carências económicas
			Gestão financeira	Ter dificuldade na gestão do dinheiro ou diferentes perspectivas de como o gerir
			<b>Sistemas Extra-Familiares</b>	Papel de factores com origem a nível exterior à família na relação do casal
			<b>Amigos</b>	Interferência de pessoas amigas na relação diádica
			Comunidade	Interferência de pessoas conhecidas na relação diádica
			<b>Famílias de Origem</b>	Papel nocivo da família de origem de cada elemento na relação diádica
			Apoio à FO	Prestar suporte à(s) família(s) de origem
			Coabitação com FO	Viver no mesmo espaço com a(s) família(s) de origem
			Divergências COM FO	Ter diferenças de opinião e conflitos com a(s) família(s) de origem
			Divergências sobre FO	Ter conflitos em casal devido à(s) família(s) de origem
			<b>Fronteiras difusas com FO</b>	Sentir intromissões da(s) família(s) de origem no espaço relacional do casal
				Sentir julgamentos pré-concebidos das família(s) de origem acerca da relação ou do parceiro e suas características pessoais
			Preconceitos	Interferência de pressões e exigências sociais e culturais na relação
			Sociedade	Interferência das exigências da vida profissional dos parceiros na relação
			<b>Trabalho</b>	

Anexo 3. Quadro de critérios de relevância para análise dos dados

	Moderadamente Relevante	Relevante	Muito relevante
N	1 terço a metade	metade a dois terços	superior a dois terços
21	[7-10]	[11-13]	[14-21]
20	[7-10]	[11-13]	[14-20]
19	[7-9]	[10-12]	[13-19]
18	[6-9]	[10-11]	[12-18]
17	[6-8]	[9-11]	[12-17]
16	[6-8]	[9-10]	[11-16]
15	[5-9]	10	[11-15]
14	[5-6]	[7-9]	[10-14]
13	[5-6]	[7-8]	[9-13]
12	[4-5]	[6-7]	[8-12]
11	[4-5]	[6-7]	[8-11]
10	[4-5]	[6]	[7-10]
9	[3-4]	[5-6]	[7-9]
8	[3]	[4-5]	[6-8]
7	[3]	[4]	[5-7]
6	2	[3-4]	[5-6]
5	2	3	[4-5]
4		2	[3-4]
3		2	3
2		1	2



Anexo 4. Quadros de resultados gerais

Funções da Identidade Conjugal			
Categoria	n	Componentes	Sub-componentes
Individual	7	Bem-estar pessoal (3) Segurança (3)	
Conjugal	20	Sucesso Relacional (14)	Bem-estar relacional (11) Continuidade (7)
		União (8)	
Pré-requisitos e factores nodais da identidade conjugal			
Pré-Requisitos	18	Amor (6) Compromisso (7) Pré-requisito único na amostra (9)	
Factores nodais no desenvolvimento da Identidade Conjugal	21	Amor (11)	

<i>Processo de Construção e Desenvolvimento da Identidade Conjugal</i>				
Construção Progressiva	21			
Diferenças IC casal namoro e casal conjugal	8	Mudança		
Papel do namoro - impulsionador	7	Impulsionar identidade conjugal (7)	Especificidades do namoro (5)	Conhecimento mútuo (4) Domínio Eu-Tu (3)
Papel da conjugalidade - consolidação	10	Consolidar (10)		

<i>Factores de Protecção da Identidade Conjugal</i>				
Processo de protecção da identidade conjugal (20)	Protectores extra-conjugais (20)	Extra-familiares (12)	família de origem (11)	
			amigos (9)	
		Individuais (12)	personalidade (10)	
		Familiares (20)	papel dos filhos na construção da identidade conjugal (20)	fortalecimento da identidade conjugal (17)
	Protectores conjugais (21)			
	Auto-regulação relacional (20)	Área dos vínculos afectivos (13)	amor (8) compromisso (7)	
		Área da comunicação (9)		
		Área do sentido de Nós (7)	valorização do nós (6)	
		Singularidade ▪ indicadores (21)	dinâmica relacional específica (10)  forma exclusiva de tratamento (8)	
			rituais (17)	Momentos exclusivos (8) Rituais únicos na amostra (14)
			semelhantes a todos os casais (8)	

<i>Factores de Vulnerabilidade para a Identidade Conjugal</i>				
Barreiras na construção e desenvolvimento da identidade conjugal (21)	Barreira extra-conjugais (21)	factores familiares – filhos (16)		
		factores individuais (17)	personalidade (13)	
		sistemas-extra familiares (16)	família de origem (13)	fronteiras difusas com família de origem (8)
			amigos (10) trabalho (6)	
	Auto-regulação relacional deficitária (19)	Área da confiança (16)	infidelidade (11) mentira (9) desconfiança (7)	
		Área da diferenciação do <i>self</i> (13)	ausência de respeito -7 dominância do Eu sobre o Nós (6)	
		Área da qualidade da comunicação e conflito (8)		

## Anexo 5. Quadros de resultados por grupos

<i>Funções da Identidade Conjugal</i>		
Por tipo de relação	A : Casados n=12	B : Coabitação Conjugal n=9
1 : Funções da IC	12	9
2 : Funções a nível conjugal	11	9
3 : Funções a nível familiar	3	0
4 : Funções a nível individual	2	5
5 : Funções a nível social	3	0
Por sexo dos participantes	A : Sexo Feminino n=13	B : Sexo Masculino n=8
1 : Funções da IC	13	8
2 : Funções a nível conjugal	12	8
3 : Funções a nível familiar	2	1
4 : Funções a nível individual	4	3
5 : Funções a nível social	2	1
Por duração da relação	A : Relação > 10 anos n=6	B : Relações < 10 anos n=15
1 : Funções da IC	6	15
2 : Funções a nível conjugal	5	15
3 : Funções a nível familiar	3	0
4 : Funções a nível individual	2	5
5 : Funções a nível social	1	2

## Processo de construção da Identidade Conjugal

Construção progressiva da identidade conjugal						
	A : Casados n=12	B : Coabitação Conjugal n=9	C : Relação >10 anos n=6	D : Relações < 10 anos n=15	E : Sexo Feminino n=13	F : Sexo Masculino n=8
<b>Por grupos:</b>						
Construção Progressiva	12	9	6	15	13	8
Diferenças identidade conjugal em namoro vs casal conjugal	6	2	4	4	4	4
Papel do namoro- Impulsionador da IC	7	1	2	6	6	2
Especificidades do namoro	7	1	4	4	7	1
Aprender a resolver dificuldades	3	0	0	3	3	0
Aumentar a confiança	1	0	0	1	1	0
Conhecimento mútuo	4	1	3	2	4	1
Consciência de dificuldades	1	0	0	1	1	0
Dar suporte emocional	1	0	0	1	1	0
Domínio do eu-tu	2	1	3	0	2	1
Mudanças pessoais adaptativas	1	0	0	1	1	0
Perceber disponibilidade para compromisso	1	0	1	0	1	0
Reforçar a união	1	0	0	1	1	0
Papel da conjugalidade - consolidação da identidade conjugal	7	5	2	10	8	4
Especificidades do casamento	3	0	2	1	2	1
Novidade total	1	0	0	1	1	0
Vivência comum a tempo inteiro	3	0	2	1	2	1

## Variáveis protectoras da Identidade Conjugal

	A : Casados n=12	B : Coabitação Conjugal n=9	C : Relação > 10 anos n=6	D : Relações < 10 anos n=15	E : Sexo Feminino n=13	F : Sexo Masculino n=8
<b>Protectores conjugais</b>						
Auto-Regulação Relacional	11	9	5	15	13	7
Área da Comunicação	6	3	2	7	7	2
Área da Confiança	4	2	2	4	4	2
Área de Eficácia Relacional	3	1	1	3	3	1
Área de Objectivos	2	3	1	4	3	2
Área de Suporte Emocional	1	3	0	4	2	2
<b>Área de Vínculos Afectivos</b>	7	6	3	10	11	2
Amizade	1	3	0	4	3	1
Amor	5	3	1	7	6	2
Compromisso	4	3	3	4	7	0
Área do Poder	0	3	0	3	2	1
<b>Área do Sentido de Nós</b>	2	5	0	7	5	2
Valorização do “Nós”	2	4	0	6	5	1
<b>Singularidade</b>	12	9	6	15	13	8
<b>Indicadores de singularidade</b>	12	9	6	15	13	8
Ausência de rituais	2	2	2	2	4	0
Características da relação	2	2	0	4	1	3
Diálogo	0	3	0	3	1	2
Dinâmica relacional específica	6	4	4	6	7	3
Forma exclusiva de tratamento	5	3	3	5	6	2
Frases-conversas exclusivas	4	1	1	4	3	2
Semelhante a todos os casais	5	3	1	7	5	3
Surpresas	1	3	1	3	3	1
<b>Rituais</b>	8	9	5	12	11	6
Comemoração do aniversário da relação	0	4	1	3	4	0
Expressão de afecto específica	4	1	2	3	3	2
Momentos exclusivos	4	4	3	5	5	3
<b>Extra-conjugais</b>	11	9	6	14	13	7
<b>Extra-familiares</b>	9	3	4	8	7	5
Amigos	7	2	4	5	7	2
Comunidade	2	1	1	2	3	0
Famílias de Origem	7	4	4	7	6	5
<b>Familiares</b>	11	9	6	14	13	7
Papel dos Filhos na construção da IC	11	9	6	14	13	7
Fortalecimento da IC	10	7	6	11	11	6
Necessidade de criar espaço para o(s) filho(s) na família	3	3	2	4	4	2
Necessidade de diálogo entre o casal	2	2	2	2	2	2
Novo objectivo comum do casal	3	3	1	5	5	1
Responsabilidade comum do casal	3	1	1	3	1	3
<b>Individuais</b>	6	6	4	8	8	4
Crenças	1	2	0	3	3	0
Modelos FO	0	2	0	2	1	1
Personalidade	5	5	3	7	6	4

*Factores de vulnerabilidade para a Identidade Conjugal*

	A : Casados n=12	B : Coabitação Conjugal n=9	C : Relação > 10 anos n=6	D : Relações < 10 anos n=15	E : Sexo Feminino n=13	F : Sexo Masculino n=8
<b>Barreiras conjugais no desenvolvimento da IC</b>	<b>12</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>8</b>
Auto-Regulação Relacional Deficitária	10	9	6	13	13	6
<b>Área da Confiança</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>5</b>
Autenticidade	0	1	0	1	0	1
Ciúme	1	0	0	1	1	0
Desconfiança	4	3	2	5	6	1
Infidelidade	7	4	4	7	8	3
Mentira	6	3	5	4	8	1
<b>Área da Diferenciação do Self</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>5</b>
Ausência de respeito	3	4	2	5	5	2
Diferenças incompatíveis	0	4	0	4	2	2
Hábitos e estilos de vida incompatíveis	0	3	0	3	2	1
Objectivos pessoais diferentes	0	1	0	1	0	1
Personalidades antagónicas	0	1	0	1	0	1
Dominância do Eu sobre o Nós	3	3	3	3	3	3
Área da Partilha	1	1	1	1	1	1
Área da Qualidade da Comunicação e Conflito	5	3	2	6	6	2
Área de Crescimento Relacional	1	0	1	0	1	0
Área de Cumplicidade	0	1	0	1	0	1
Área de Expectativas Relacionais	1	0	1	0	0	1
Área de Suporte Emocional	1	2	1	2	1	2
<b>Área de Vínculos Afectivos</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
Desinteresse pelo outro	1	0	0	1	1	0
Falta de amizade	0	1	0	1	0	1
Falta de amor	2	1	1	2	2	1
Incerteza	1	0	1	0	0	1
<b>Barreiras Extra-Conjugais</b>	<b>12</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>8</b>
Factores Familiares-Filhos	10	6	5	11	10	6
Factores Individuais	9	8	6	11	10	7
Atracção física por outras pessoas	1	0	0	1	0	1
Auto-desinvestimento	1	0	1	0	1	0
Consumos	2	1	1	2	1	2
Medo do julgamento alheio	1	0	1	0	0	1
Modelos de família de origem	0	2	1	1	2	0
Pensamentos	1	0	0	1	0	1
Personalidade	7	6	4	9	8	5
Problemas de saúde	1	0	0	1	0	1
Saturação	1	0	1	0	1	0
Sentimentos	1	0	1	0	1	0
<b>Factores Materiais</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>
Dificuldades financeiras	3	1	1	3	2	2
Gestão financeira	0	2	1	1	2	0
<b>Sistemas Extra-Familiares</b>	<b>10</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	<b>11</b>	<b>6</b>
Amigos	7	3	2	8	6	4
Comunidade	3	1	0	4	4	0
<b>Famílias de Origem</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>8</b>	<b>6</b>
47 : Apoio à família de origem	0	1	0	1	0	1
48 : Coabitação com família de origem	1	2	1	2	2	1
49 : Divergências com família de origem	0	1	0	1	1	0
50 : Divergências sobre família de origem	1	0	1	0	1	0

51 : Fronteiras difusas com família de origem	6	2	3	5	4	4
52 : Preconceitos	1	0	0	1	1	0
53 : Sociedade	0	1	0	1	1	0
54 : Trabalho	4	2	3	3	4	2